

CPB

livraria

LIVROS | BÍBLIAS | HINÁRIOS | GUIAS DE ESTUDO | CDS
DVDS | REVISTAS | FOLHETOS | JOGOS | BRINQUEDOS

CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB ESPALHADAS POR TODO O BRASIL

**AMAZONAS
MANAUS**
SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288

**BAHIA
CACHOEIRA**
FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300

**BAHIA
SALVADOR**
NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543

**CEARÁ
FORTALEZA**
CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779

**DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA**
ASA NORTE
SCN | Bl. A | Qd. 1 | Lj. 17/23 - Ed. Number One
(61) 3321-2021

**GOIÁS
GOIÂNIA**
SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830

**MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE**
CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463

**MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE**
CENTRO
Rua dos Guajaras, 860
(31) 3309-0044

**PARÁ
BELÉM**
MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130

**PARANÁ
CURITIBA**
CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Loja 1
(41) 3323-9023

**PERNAMBUCO
RECIFE**
SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941

**RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO**
TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Loja A
(21) 3872-7375

**RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE**
CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538

**SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO**
UNASP/EC
Rod. SP 332, km 160 | Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398

**SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA**
PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070

**SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ**
CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**
MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-1544

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**
PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28 | 5º Andar
(11) 3106-2659

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**
VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021

**SÃO PAULO
TATUI**
LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

Mensagem transformadora

Eu estava passando pelo corredor da Redação quando me deparei com um grupo de amigos pastores que tinham nas mãos, pela primeira vez, a nova *Bíblia Missionária*. Com um *smartphone*, um deles mostrava como funciona o recurso de realidade aumentada, muito útil para facilitar o ensino das profecias do Apocalipse.

Confesso que, enquanto observava a novidade, minha mente se voltava para a época em que eu tinha 14 anos. Não nasci em um lar adventista e conheci o evangelho enquanto estudava num colégio confessional, no interior de São Paulo. Quando estava na então chamada 8ª série, o professor de Religião propôs à classe que estudássemos juntos o livro do Apocalipse. Lembro-me de que houve certa empolgação na turma, e todos nós aceitamos o desafio de tentar descobrir alguns dos mistérios contidos no último livro da Bíblia. Particularmente, eu não tinha ideia de que essas descobertas mudariam completamente o rumo da minha vida!

Minha primeira grande descoberta foi a respeito de Deus. Nas páginas do Apocalipse, conheci melhor meu Criador, Redentor, Mantenedor, Senhor e Rei. Embora tivesse alguma noção sobre Deus, percebi que ainda não havia experimentado um encontro real com Ele. Aprendi que o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão empenhados no resgate da raça humana e que a salvação poderia ser uma realidade para mim. Além disso, vi que a história do mundo está literalmente em Suas mãos e que nada foge de Seu controle.

Ao ter essa perspectiva, compreendi também que vivemos em um conflito cósmico entre o bem e o mal. O Apocalipse me ajudou a perceber a ação do inimigo contra os planos de Deus. As descrições vívidas de quem é Satanás me ajudaram a compreender por que pessoas boas sofrem e qual será o fim dos opressores que, aparentemente, vivem impunes, apesar de suas muitas injustiças. Então, pela primeira vez eu passei a enxergar os eventos do mundo sob uma ótica mais ampla, como peças de um quebra-cabeça, cujo ponto central é a segunda vinda de Cristo.

Outra descoberta revolucionária para mim foi entender que Deus tem um povo na Terra. Minha percepção anterior era de que todos os caminhos levavam até Ele, mas, ao estudar o Apocalipse, meus conceitos



Ao abrir a Bíblia, mais importante do que símbolos ou cenas fortes, deve prevalecer uma apresentação correta do caráter de Deus, do grande conflito, do remanescente final e do reino eterno, preparado para aqueles que amam Jesus e aguardam Sua vinda.”

mudaram drasticamente. Compreendi que, ao longo da história, o Senhor sempre manteve um remanescente fiel e que, no tempo do fim, Seu povo seria reconhecido por duas características fundamentais: guardar os mandamentos de Deus e ter o testemunho de Jesus. A exatidão e coerência dos cálculos proféticos que apontavam para o tempo em que o Senhor levantaria um povo para anunciar uma mensagem tríplice de salvação e juízo se destacaram diante dos meus olhos, e eu sabia que não haveria desculpas para contradizê-los.

Finalmente, estudar o Apocalipse me ajudou a entender que não seriam as ideologias humanas que me fascinavam nem os “heróis” que eu nutria em minha mente que transformariam o mundo num lugar melhor. Somente Cristo e Seu reino eterno poderiam suprir meu anseio por justiça, paz e verdadeira liberdade.

É bem verdade que, entre o momento em que fiz essas descobertas e meu novo nascimento em Cristo, se passaram quase três anos. Ao mesmo tempo que as verdades da Palavra me levavam a concluir que eu havia encontrado o Caminho, a imaturidade e a pressão de grupo me constrangiam a postergar minha decisão. Contudo, quando me apropriei completamente da promessa: “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2:10), abandonei todos os planos e sonhos para ser um ministro do evangelho.

Como pastor, tive a oportunidade de elaborar alguns estudos bíblicos sobre o Apocalipse e prego muito sobre o assunto. Por detrás de meus textos ou sermões, está uma experiência de transformação profunda, com base nas descobertas que fiz aos 14 anos. Hoje, quando assumo o púlpito e observo as pessoas na congregação, lembro-me de que, ao abrir a Bíblia, mais importante do que símbolos ou cenas fortes do Apocalipse, deve prevalecer uma apresentação correta do caráter de Deus, do grande conflito, do remanescente final e do reino eterno, preparado para aqueles que amam Jesus e aguardam Sua vinda. **M**



William de Moraes

Wellington Barbosa,
doutorando em Ministério,
é editor da revista Ministério

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

Conheça o novo portal do pastor

www.pastoradventista.org



Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

10 Paralelismo intencional

Efraim Choque

Conheça as principais conexões temático-literárias entre o prólogo e o epílogo do Apocalipse

13 Revelador e Revelado

Clacir Virmes Junior

O papel central de Jesus Cristo no livro do Apocalipse

16 O contexto bíblico do 666

Vanderlei Dorneles

Uma interpretação do código a partir das evidências bíblicas

20 Jornada completa

Willie E. Hucks II

A importância do apelo para a apresentação de um sermão eficaz

24 Ministério de poder

Ron Clouzet

O segredo para um pastorado bem-sucedido está mais próximo do que você imagina

28 Discipulado centrado

Lucas Alves e Wellington Barbosa

O exemplo da comunidade cristã apresentado em Atos e sua aplicação na igreja contemporânea



16

3 Editorial

6 Entrelinhas

7 Entrevista

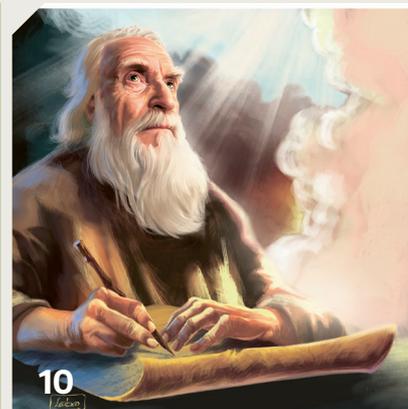
27 Frases

32 Pastor com paixão

33 Em família

34 Recursos

35 Palavra final



10



20

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 91 – Número 541 – Jan/Fev 2019

Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber e Alexandre Rocha
Capa Levi Gruber

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Twitter: @MinisterioBRA

Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Lucas Alves; Daniel Montalvan; Adolfo Suarez, Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Peña; André Dantas; Arildo Souza; Cornelio Chinchay; Edilson Valiante; Efraim Choque; Geraldo M. Tostes; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Luis Velásquez; Raildes Nascimento; Rubén Montero; Sidnei Mendes; Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 75,40
Exemplar Avulso: R\$ 15,50



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5499 / 39178

Tempo de reavivamento

Leonard Ravenhill, em seu livro *Por que tarda o pleno avivamento*, cita Charles Finney ao afirmar que “a maior necessidade de nossos dias é o poder do Alto” (p. 39). Há alguns anos temos falado de reavivamento e, sem dúvida, o tema não deve ser visto como simples questão de ênfase temporária, mas de necessidade permanente. Caso contrário, o assunto corre o risco de ser esquecido.

Também acredito que, ao tratar de reavivamento, não podemos separá-lo de discipulado, evangelismo, crescimento de igreja, família e liderança, entre outras coisas. Por quê? Porque o verdadeiro reavivamento revela o que a igreja é e o que ela faz. Contudo, o tema evoca algumas perguntas: “Reavivamento para quem?” “Para que?” e “Para quando?”

Para quem? A resposta pode ser simples e ao ponto: para todos! Não importa a posição que assumimos no corpo de Cristo, todos precisam ter com Deus uma real experiência de entrega, dependência e crescimento em Cristo. Como pais, precisamos de reavivamento no lar, cada vez mais atacado pelo inimigo. Como pastores, cabe a nós conduzir nossas igrejas, e nós mesmos, a uma experiência crescente de fervor, em meio a este mundo cada vez mais confuso, artificial e carente. Como membros, devemos refletir Cristo para uma sociedade cada vez mais egocêntrica e mostrar quem dirige a vida do cristão, e em que reside nossa esperança.

Para que? O propósito de tal reavivamento é duplo: refletir Cristo e concluir a obra que Ele nos confiou.



O verdadeiro reavivamento revela o que a igreja é e o que ela faz.”

Ellen White escreveu: “Servos de Deus, dotados de poder do alto, com o rosto iluminado e resplandecendo com santa consagração, saíram para proclamar a mensagem provinda do Céu” (*História da Redenção*, p. 401). As pessoas estão procurando desesperadamente preencher o vazio que a vida moderna lhes impõe. Para isso, muitas vezes elas recorrem a drogas, dinheiro, fama, entretenimento e sexo. Em contrapartida, como mensageiros de Cristo devemos oferecer o evangelho vivo e vibrante como a melhor resposta para suprir as necessidades mais profundas das pessoas. Não conseguiremos fazer isso, a menos que experimentemos um reavivamento sincero e verdadeiro.

Para quando? “A nós hoje, tão certamente como aos primeiros discípulos, pertence a promessa do Espírito” (Ellen White, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 210). Note a frase “a nós hoje”. Temos acesso hoje a essa promessa e devemos nos apegar a ela com fervor e convicção. Lembre-se: métodos, programas e eventos têm seu lugar e valor, mas somente experimentaremos a real vida cristã naquilo que fazemos e no que nos tornamos pelo poder e pela direção do Espírito Santo. Essa foi a prioridade da igreja apostólica no passado (At 1:8), e também deve ser nossa prioridade hoje! (Jl 2:28). **■**



Divulgação DSA

Lucas Alves, doutorando em Ministério, é secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

O quinto evangelho

Para mim, o Apocalipse é o evangelho de Jesus Cristo em seu verdadeiro sentido.

por Wellington Barbosa



O livro do Apocalipse tem chamado atenção ao longo da história e despertado diferentes reações. Alguns se sentem fascinados com seus símbolos, outros têm medo das manifestações de juízo divino e há aqueles que ficam curiosos a respeito de sua mensagem principal. Diante desse quadro, cabe aos pastores que se dedicam a pregar sobre o último livro da Bíblia adotar uma atitude responsável no púlpito, a fim de desmistificar as profecias apocalípticas e despertar nos ouvintes a resposta intencionada por Deus ao revelar seu conteúdo: preparo e esperança.

Nesta entrevista, Ranko Stefanovic, professor de Novo Testamento no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos, compartilha algumas dicas para quem deseja apresentar a mensagem do Apocalipse de maneira profunda e eficaz. Nascido na antiga Iugoslávia, ele pastoreou igrejas durante 18 anos, antes de ingressar na carreira acadêmica. Logo após obter seu doutorado pela Universidade Andrews, em 1995, foi chamado para lecionar na Universidade Burman, Canadá, onde permaneceu entre 1996 e 1999. Desde 1999 trabalha na Universidade Andrews.

O doutor Stefanovic é autor de vários artigos acadêmicos e seu principal livro, *Revelation of Jesus Christ*, tem sido publicado em diversas línguas ao redor do mundo. Inclusive, neste ano também será lançado pela Casa Publicadora Brasileira. Ele e a esposa, Estera, têm dois filhos.

O que o levou a se especializar no estudo do Apocalipse?

Trabalhei como pastor de igreja por 18 anos e realizei muitas séries evangelísticas sobre o Apocalipse. Quando comecei meu doutorado, em uma matéria com Jon Paulien, recebi a tarefa de escrever e apresentar à classe uma monografia sobre o livro selado de Apocalipse 5. Ao compartilhar minhas conclusões, a classe toda discordou de mim, exceto

o professor. Ele disse: "Vocês podem falar o que quiserem, mas ele tem um ponto de vista válido." Aquelas palavras ficaram na minha mente, levando-me a mudar o foco de minha tese, que seria em estudos judaicos, para a interpretação do livro selado de Apocalipse 5.

Além disso, um desafio que sempre me acompanhava era tentar entender por que muitos estudantes do livro do Apocalipse eram tão desagradáveis e críticos. Não conseguia compreender como o livro da revelação de Jesus Cristo podia torná-los assim. Então, encontrei muitas citações de Ellen White que dizem que, ao estudar o Apocalipse, o efeito é exatamente o contrário disso, levando a uma verdadeira mudança positiva de vida! Foi nesse contexto que li a seguinte declaração: "Deixemos que Daniel fale, que fale o Apocalipse e digam a verdade. Mas seja qual for o aspecto do assunto apresentado, exaltem Jesus como o centro de toda a esperança" (*Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 118).

Isso me transformou completamente, e o resultado foi meu livro *Revelation of Jesus Christ*. Essa obra reflete minha caminhada e reconversão a Cristo. Para mim, o Apocalipse é o evangelho de Jesus Cristo em seu verdadeiro sentido.

Por que o senhor acredita que o historicismo é a melhor escola de interpretação para estudar o Apocalipse?

As profecias do Apocalipse geralmente foram obscurecidas por abordagens interpretativas enviesadas e subjetivas, mas uma pregação responsável foge desses tipos de tratamento. Devemos evitar a armadilha do preterismo que, com o idealismo, priva o Apocalipse de seu caráter profético e limita a relevância de suas mensagens aos cristãos do tempo de João. Da

e eventos na história cristã desde o primeiro século até o tempo do fim. Além disso, ele também reconhece a relevância espiritual do livro para todos os cristãos, independentemente de tempo ou lugar. Ao usar esse método, o pregador apresentará ao público todo o espectro do significado das profecias do Apocalipse, conforme pretendido por seu divino Autor.

Um detalhe, porém, deve ser observado. O historicismo tem sido frequentemente utilizado de maneira incorreta em várias tentativas de encaixar todos os detalhes do texto em um cumprimento histórico. Muitos sermões de pregadores historicistas são fundamentados na interpretação alegórica dos símbolos, com base em manchetes e artigos de jornal. Uma pregação responsável sobre as profecias do Apoca-

ele deve ser estudado com humildade, oração e disposição para deixá-lo falar.

Quanto ao estudo propriamente dito, ele ocorre em três estágios: exposição do texto, interpretação do texto profético e aplicação da profecia. A preparação de um sermão com base no Apocalipse começa com uma *exposição do texto*, com o propósito de conhecer seu significado. Isso consiste em tirar do texto o que está nele. Não impomos significado ao texto, mas deixamos que o texto e o contexto definam seu significado. A pregação expositiva nos protegerá de estabelecer uma interpretação que não seja garantida pelo texto.

Para isso, o primeiro passo envolve uma análise exegética do texto. Isso requer a compreensão do significado etimológico e sintático das palavras-chave e frases. Aqueles que não têm formação em grego do Novo Testamento devem manejar diversas traduções bíblicas, para comparar as diferenças e semelhanças entre elas.

Além disso, é preciso compreender o significado gramatical e léxico das palavras, bem como a relação delas entre si. Uma vez estabelecido o significado das palavras-chave e frases, é necessário considerar o

texto dentro de seu contexto imediato e mais amplo. Finalmente, é preciso compreender como o texto se encaixa na estrutura geral do livro, assim como em toda a Bíblia.

Uma vez estabelecido o significado do texto, nos voltamos à sua *interpretação*. O pregador deve estar atento para não impor ao texto uma interpretação só porque lhe parece atraente. A interpretação do texto profético não deve ser controlada por manchetes jornalísticas, explicações populares ou eventos passados e atuais – uma prática comum para muitos pregadores. Qualquer interpretação que pretenda incentivar a euforia das pessoas é especulativa e fictícia. Isso nunca resulta no fortalecimento da fé na profecia. De fato,

A interpretação do texto profético não deve ser controlada por manchetes jornalísticas, explicações populares ou eventos passados e atuais.

mesma forma, devemos evitar o futurismo, que delimita as profecias do Apocalipse à última geração de cristãos. Esses métodos parecem ser deficientes porque pressupõem que esse livro não tenha nada a oferecer às gerações entre o tempo de João e o tempo do fim.

O Apocalipse afirma ser um livro profético, com o propósito declarado de nos mostrar o que acontecerá no futuro. Qualquer método interpretativo que negue a natureza preditiva de suas profecias não faz jus à sua alegada intenção. Isso define o historicismo como a abordagem adequada para a interpretação profética. Como método interpretativo, o historicismo reconhece que o Apocalipse contém profecias preditivas, que descrevem os movimentos

lipse deve ser fiel ao texto, em vez de ao que o pregador quer que o texto diga, no que se refere aos eventos atuais.

Como um pregador deve lidar com o texto do Apocalipse?

Em primeiro lugar, deve estudar por si mesmo! Não há nada de errado em consultar a interpretação e a análise textual dos especialistas sobre o assunto. Seus livros são para o pregador o que as ferramentas são para qualquer profissão. No entanto, seria um “pecado” negligenciar o estudo pessoal. A pregação é um misto de ciência e arte. O Apocalipse deve ser estudado com toda solidez acadêmica, usando as ferramentas hermenêuticas disponíveis. Como os demais livros bíblicos,

causa o enfraquecimento da confiança na palavra profética. Ao lidar com as profecias do Apocalipse, devemos permanecer com o que está claramente indicado no texto e deixar a Bíblia interpretar a si mesma.

Finalmente, o pregador desejará sugerir *como o texto profético se aplica* historicamente. Ao lidar com profecias já cumpridas, podemos tentar localizar seu cumprimento em certos períodos históricos. No entanto, ao lidar com profecias ainda a ser cumpridas, é preciso ter cautela. Nessas profecias, Deus nos revela o que acontecerá no tempo do fim, para que não nos surpreendamos. Contudo, elas não nos dizem exatamente quando ou como isso ocorrerá.

O pregador deve ter em mente que o tempo e a maneira do desenrolar dos eventos finais são segredos que Deus reservou para Si. O pleno entendimento das profecias do tempo do fim será possível somente quando elas se cumprirem, não antes. Portanto, devemos ter cuidado para não especular sobre o que a profecia significa ou como e quando ela será cumprida. O propósito das profecias do Apocalipse não é satisfazer nossa curiosidade sobre o futuro, mas nos levar à prontidão, à medida que a história do mundo se aproxima do fim.

Especificamente, como interpretar os símbolos do Apocalipse?

O Apocalipse pertence ao gênero da literatura apocalíptica, caracterizado pela linguagem simbólica complexa. Sua declaração inicial nos diz que as visões apresentadas foram “significadas” para João (Ap 1:1). A palavra grega *semainō* significa “mostrar por signos simbólicos”. Ao usar essa palavra, o apóstolo nos diz que as cenas e os eventos descritos lhe foram mostrados por meio de apresentações simbólicas.

Frequentemente, as profecias bíblicas eram comunicadas na linguagem da época

e do lugar do autor inspirado, a fim de que fossem compreensíveis ao autor inspirado e a seus leitores originais. Ao interpretar esses símbolos hoje, os pregadores devem estar atentos para não impor ao texto o significado atual do símbolo ou um significado derivado da interpretação alegórica. Nossa compreensão dos símbolos do Apocalipse deve ser guiada pela intenção de João e pelo significado que esses símbolos transmitiram aos leitores do primeiro século. Portanto, é importante saber de onde esses símbolos foram tirados.

Muitos estudos mostram que a maior parte da linguagem simbólica do Apocalipse é derivada da história e experiência do povo de Deus nos tempos do Antigo Testamento. Assim, ao descrever os eventos futuros, o Espírito Santo usou

frase mostra que o Apocalipse *vem* de Jesus Cristo (genitivo subjetivo), mas também indica que o livro é *sobre* Jesus Cristo (genitivo objetivo). Ele é o personagem principal. Ele é a chave que abre o verdadeiro significado do conteúdo do livro. Qualquer exposição das profecias do Apocalipse que se concentre em eventos ou pessoas (passadas ou futuras) às custas de Cristo e do Seu relacionamento com Seu povo foge totalmente de seu foco central.

Contudo, a sentença seguinte afirma que o propósito do livro é “mostrar aos Seus servos” o que ocorrerá no futuro (verso 1b). Nesse ponto, surge uma pergunta: Como um livro iniciado com a afirmação “revelação de Jesus Cristo” pode ser escrito com o propósito de desvendar eventos

O propósito das profecias do Apocalipse não é satisfazer nossa curiosidade sobre o futuro, mas nos levar à prontidão, à medida que a história do mundo se aproxima do fim.

a linguagem do passado. É quase impossível entender a simbologia do Apocalipse sem o Antigo Testamento.

Além disso, o Apocalipse também reflete a linguagem da literatura apocalíptica judaica, o mundo do primeiro século na Ásia Menor e muitos ditos de Jesus e dos apóstolos, como registrados no Novo Testamento. Para decodificar o significado desses símbolos, o pregador deve equipar-se com boas ferramentas de referência.

Que conselho o senhor gostaria de deixar aos pregadores da América do Sul?

As palavras iniciais do Apocalipse são: “Revelação de Jesus Cristo” (Ap 1:1). Essa

que ocorrerão no futuro? O Apocalipse não se destina a ser uma coleção de profecias para satisfazer nossa curiosidade sobre o futuro. O propósito principal dos eventos preditos que estão registrados – sejam aqueles já cumpridos ou que ainda vão se cumprir – é nos assegurar da presença de Cristo com Seu povo ao longo da história e dos eventos finais.

Portanto, a pregação eficaz do Apocalipse deve ser centrada em Cristo, não em eventos. Lembre-se: “Deixemos que Daniel fale, que fale o Apocalipse e digam a verdade. Mas seja qual for o aspecto do assunto apresentado, exaltem Jesus como o centro de toda a esperança.” **TM**

Diga-nos o que achou desta entrevista: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Paralelismo intencional

A importância das ligações entre a introdução e a conclusão do Apocalipse

Efraim Choque

O livro do Apocalipse está escrito sob uma estrutura e forma literária que alguns intérpretes têm passado por alto. Seu autor, propondo-se a destacar os temas predominantes da revelação divina, utiliza uma estrutura de paralelismos simétricos denominada quiasmo.¹ De acordo com Kenneth Strand, o livro tem duas grandes divisões: a primeira (Ap 1-14) mostra visões referentes à era histórica. A segunda

(Ap 15-22) apresenta os juízos escatológicos que culminam com o segundo advento de Cristo.² Dentro dessas duas divisões existem entre cinco e oito séries de correspondências mútuas, que constituem sua estrutura literária e temática.

A primeira indicação dessa estrutura literária é o paralelo visível entre o prólogo (Ap 1:1-8) e o epílogo (Ap 22:6-21). Essa correspondência deliberada destaca temas

ligados entre si e termos conectores que fixam a importância da mensagem bíblica. Este artigo tem o propósito de avaliar as sete principais conexões temático-literárias entre as duas seções, sua importância teológica e a relevância da mensagem destacada por João.

O anjo

Na introdução, a revelação de Jesus Cristo que Deus Lhe deu se dá a conhecer “por intermédio do *Seu anjo*”, enviado a João (1:1). Na conclusão, “O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, *enviou Seu anjo* para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer” (22:6). Os anjos (gr. *àngelos*, mensageiro) frequentemente cumprem a função de portadores das revelações divinas (por exemplo, Dn 8:16; 9:21; Lc 1:19, 26).

Nos dois versículos paralelos, a declaração “Seu anjo” denota a função dos anjos mensageiros que frequentemente são mencionados ao longo do livro. Por exemplo, em Apocalipse 19:9 e 10 um anjo repreende João por prostrar-se a seus pés

| PRÓLOGO | PARALELO | EPÍLOGO |
|---------|--|--------------|
| 1:1 | O anjo enviado por Jesus. | 22:6 |
| 1:2 | Testemunho da Palavra de Deus; testemunho de Jesus. | 22:16 |
| 1:3 | Bem-aventurado o que lê, os que ouvem e guardam as palavras da profecia. Bem-aventurados os que lavam suas vestes. | 22:7, 14 |
| 1:3 | O tempo está próximo. | 22:10 |
| 1:4, 5 | Os sete espíritos; o Deus dos espíritos dos profetas; o Espírito e a noiva dizem: Vem. | 22:6, 17 |
| 1:7 | Eis que vem com as nuvens; eis que venho sem demora; vem Senhor Jesus! | 22:7, 12, 20 |
| 1:8 | Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; o Primeiro e o Último. | 22:13 |

para adorá-lo. Já Apocalipse 22:16 declara que o próprio Jesus enviou Seu anjo para dar testemunho de todas as coisas.

Em Apocalipse 22:8 e 9, o anjo que fala é aquele que foi enviado por Deus (22:6) para mostrar a João a santa cidade e a árvore da vida. Então, esse anjo dá autenticidade a toda revelação. À semelhança do prólogo, ele é enviado para mostrar aos servos de Deus “as coisas que em breve devem acontecer”, “porque o tempo está próximo” (22:10). O propósito, portanto, dessa primeira conexão temática é mostrar que os anjos têm a função de ser portadores da revelação divina. Além disso, mostra que a multidão de anjos está à disposição para ministrar aos servos do Senhor, assim como ocorreu com João.

O duplo testemunho

Em Apocalipse 1:2, o verbo testemunhar (gr. *martureo* [atestar, ARA]) está no aoristo epistolar, o que sugere que João estava escrevendo a introdução de seu livro tendo em mente a percepção temporal de seus leitores, para quem os eventos descritos no Apocalipse estariam no passado no momento em que os estivessem lendo.³ É importante destacar que o termo *martureo* volta a ser empregado no livro somente no epílogo (22:16, 18, 20), e está relacionado à comunicação da revelação divina.

No prólogo, o apóstolo declara que “atestou a Palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo”. Essa é a primeira das três vezes em que essa frase é encontrada no Apocalipse (1:2, 9; 20:4). Para Ranko Stefanovic, a expressão “deve ser entendida à luz do contexto veterotestamentário”,⁴ pois os profetas do Antigo Testamento utilizaram a frase semelhante “Palavra do Senhor” frequentemente (Jr 1:2; Os 1:1; Jl 1:1; Jn 1:1; Is 2:1; Mq 1:1). Assim, João parece ter indicado que testemunhou tudo o que Deus revelou por meio do *logos*, a Palavra, que se origina Nele. Ainda é possível que o autor estivesse agregando à expressão geral “Palavra de Deus” uma frase mais específica, aclaratória: “o testemunho de Jesus Cristo”.

No epílogo, o autor confirma e recapitula o tema do testemunho que havia sido mencionado no prólogo, com a diferença de que, agora, o testemunho é dado pelo anjo, que recebe a autenticação da parte do próprio Cristo. Desse modo, o propósito do epílogo é confirmar a autenticidade das revelações registradas na introdução. A sentença “Eu, Jesus, envie o Meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas” é uma clara confirmação da obra do anjo mencionado no prólogo (1:2).

As bem-aventuranças

“Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia” (1:3). Essa referência denota a leitura pública do livro na igreja. O termo “bem-aventurado” (gr. *makarios*) significa feliz, contente, afortunado e aprovado. Ranko Stefanovic entende que o termo, no Novo Testamento, “significa mais do que uma felicidade secular (passageira), significa a alegria interior dos que esperam a salvação prometida por Deus e agora experimentam seu cumprimento”.⁵ Desse modo, no Apocalipse, a palavra expressa a felicidade suprema.

No prólogo se encontra a primeira das sete bem-aventuranças apresentadas no livro (1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7, 14). Enquanto há na introdução somente uma ocorrência, na conclusão o termo se repete duas vezes (22:7, 14), recapitulando algo fundamental: Felizes são aqueles que leem (o pregador), os que ouvem (a igreja), mas, sobretudo, os que guardam a mensagem, tendo suas vestes lavadas no sangue do Cordeiro.

A divindade do Espírito Santo

João, após se referir a Deus Pai como aquele “que é, que era e que há de vir” (1:4), indica a Pessoa do Espírito Santo da seguinte maneira: “da parte dos sete Espíritos que Se acham diante do Seu trono”. O número sete simboliza o cumprimento universal da obra do Espírito Santo. Além disso, os “sete Espíritos” estão em

harmonia e no contexto da mensagem às sete igrejas, conforme evidencia o término de cada carta: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.” Assim, o prólogo introduz o tema da ação conjunta da Divindade, na qual participa ativamente o Espírito Santo.

Tal ação é reiterada categoricamente no encerramento do livro. A expressão “o Deus dos espíritos dos profetas” (22:6) é uma alusão direta a Apocalipse 19:10, afirmando que o Espírito Santo é quem inspira a mente dos profetas. João assume que todo o livro do Apocalipse é um testemunho do domínio exercido pelo Espírito Santo sobre ele mesmo, quando estava em visão.

No epílogo, o apóstolo focaliza a atenção ao testemunho do Espírito Santo por meio da igreja. Ambos, “o Espírito e a noiva dizem: Vem!” (22:17). Na continuação, apresenta-se uma cadeia de apelos, em que fica evidente que o testemunho pessoal é uma iniciativa divina, particularmente do Espírito Santo. Desse modo, a ação do Espírito proposta no prólogo encontra seu ápice no epílogo, com grande destaque à Sua divindade.

A proximidade do tempo

A bem-aventurança de Apocalipse 1:3 termina com uma nota de destaque, “pois o tempo está próximo”. A palavra usada para tempo (gr. *kairós*) tem um sentido escatológico e indica um período de crise ou um momento decisivo. Para Robert Mounce, “essa declaração parece ter sua origem nas expectativas messiânicas judaicas daquele momento”.⁶ Em Marcos 13:35, Jesus advertiu os discípulos sobre o tempo de Seu regresso e lhes pediu que vigiassem, pois não sabiam o *kairós* assinalado da segunda vinda. Assim, diante da crise iminente, a mensagem de juízo e esperança deve ser proclamada entre as igrejas como algo urgente, pois o fim de todas as coisas já foi determinado na morte e ressurreição de Cristo.

No epílogo, em contraste com a instrução dada a Daniel para selar a visão referente ao tempo do fim (Dn 8:26; 12:4), o anjo diz para João não selar “as palavras

da profecia deste livro”, e a razão da proibição é clara, “porque o tempo está próximo” (22:10). Esse é um “tempo particular”, designado de antemão para o cumprimento das “coisas que em breve devem acontecer” (1:1). Em suma, para os filhos de Deus, o *kairós* necessário chegará em breve.

A vinda de Cristo

O tema do segundo advento de Cristo é fundamental na estrutura do Apocalipse. A tabela abaixo mostra as três menções do prólogo a respeito do assunto, indicando a intencionalidade que João tem ao destacar a *parousia* do Senhor Jesus.

| PRÓLOGO | EPÍLOGO |
|---|--|
| 1:4 “Daquele [...] que há de vir” | 22:7 “Eis que venho sem demora” |
| 1:7 “Eis que vem com as nuvens” | 22:12 “E eis que venho sem demora” |
| 1:8 “O Senhor Deus [...] que há de vir” | 22:17 “O Espírito e a noiva dizem: Vem!” |
| | 22:20 “Certamente, venho sem demora” |
| | 22:20 “Amém! Vem, Senhor Jesus!” |

Um detalhe que chama atenção é o fato de que a linguagem da introdução enfatiza o regresso de Jesus na terceira pessoa. Já na conclusão, se repete na primeira pessoa. Conforme afirma Jacques Doukhan, esse “contraste gramatical sugere que a segunda vinda de Jesus deixa de ser um testemunho dos filhos de Deus e passa a ser algo pessoal e direto. Não é mais um simples testemunho externo acerca do evento, agora, quem fala da vinda é o Sujeito do evento”,⁷ Jesus, o Vencedor.

Outro ponto interessante do epílogo é o evidente movimento pendular entre as esferas divina e humana, que sugere uma relação recíproca de liturgia no Apocalipse. Ao grito do Céu que inicia a série de “venho” e que ressoa duas vezes como uma promessa (22:7, 12), da Terra o povo de Deus responde duas vezes “vem” (22:17). Nessa dinâmica, o Céu tranquiliza a Terra: “Certamente, venho sem demora” (22:20a); e a oração humana responde: “Amém! Vem, Senhor Jesus!”

(22:20b). Assim, no Apocalipse não existe um tema mais importante do que a esperança da segunda vinda de Cristo.

O Alfa e o Ômega

“Alfa” é a primeira e, “ômega”, a última letra do alfabeto grego. Elas são utilizadas para descrever o Senhor como Criador de todas as coisas. Além disso, expressa também a revelação primária e final de Deus aos homens. Os exegetas concluem que a expressão indica integridade e plenitude, o eterno, o que sempre existiu desde o princípio e sempre existirá, o Todo-poderoso. Conforme Gerhard Kittel, essa expressão

é peculiar do Apocalipse, e Deus a usou com respeito a Si mesmo.⁸ No prólogo (1:8), quem fala é “o Senhor Deus, Aquele que é, que era e que há de vir”, identificado como Deus Pai em Apocalipse 1:4.

Se em Apocalipse 1:8 e 21:6 Deus Pai Se apresenta como “o Alfa e o Ômega”, no epílogo quem atribui a Si esse título é o próprio Cristo ressurreto (22:13). Desse modo, Pai e Filho compartilham os mesmos atributos eternos de integridade e plenitude. Além disso, a frase “o Primeiro e o Último” (1:17) firma o sentido de *Theós*: Ele dá início e põe fim a todas as coisas. Tudo na criação deve sua existência a Cristo; todas as coisas encontram seu fim em relação a Ele. O desenvolvimento do plano da salvação, do começo ao fim, está ligado a Jesus – o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; o Primeiro e o Último.

Conclusão

Uma breve análise estrutural e literária do Apocalipse, especialmente de seu

prólogo e epílogo, permite indicar alguns pontos importantes. Em primeiro lugar, a construção simétrica e o paralelismo inverso entre o prólogo e o epílogo na estrutura literária redigida pelo autor indicam que o livro foi integralmente escrito por uma só pessoa, nesse caso, o apóstolo João.

Na sequência, a redação do prólogo e do epílogo, com suas correspondências temáticas, foi deliberadamente pensada e escrita para abrir, desenvolver e concluir assuntos que o autor considerava importantes.

Finalmente, o prólogo e o epílogo do livro do Apocalipse revelam ao mundo o que foi, o que é e o que há de vir. Isso foi escrito para nossa instrução, para quem alcançou o fim dos tempos. Deus Pai, Cristo, o Espírito Santo e as hostes celestiais foram companheiros de João na ilha de Patmos. Eles acompanharão Seu povo na crise final, garantindo-lhe a vitória completa! **M**

Referências

- ¹ Ver Enzo Bianchi, *El Apocalipsis: Comentario exegético-espiritual* (Salamanca: Gráficas Varona, 2009); C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 56.
- ² Kenneth A. Strand, “The eight basic visions in the book of Revelation”, *Andrews University Seminary Studies*, v. 25, n. 1, p. 107-121.
- ³ Robert H. Mounce, *Comentario al Libro de Apocalipsis* (Barcelona: CLIE, 2007), p. 86.
- ⁴ Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002), p. 54.
- ⁵ *Ibid*, p. 55.
- ⁶ Mounce, p. 87.
- ⁷ Jacques Doukhan, *Secretos del Apocalipsis* (Buenos Aires: Aces, 2007), p. 219.
- ⁸ Gerhard Kittel, “**ΑΩ**”, em Gerhard Kittel (org.), *Theological Dictionary of The New Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B Eerdmans, 2006), v. 1, p. 1-3.



Efraim Choque, doutor em Teologia, é secretário ministerial da União Boliviana

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Revelador e Revelado

O protagonismo essencial de Cristo no livro do Apocalipse

Clacir Virmes Júnior

Quando tomamos algum livro para ler é natural começarmos pelo começo. A maior parte dos livros escritos, além da seção de agradecimentos, dedicatória e, talvez, um prefácio, apresenta uma introdução. Essa parte da obra tem como objetivo mostrar o tema geral do livro, sua importância e, eventualmente, um esboço de como a argumentação se dará nas páginas seguintes.

Em relação ao Apocalipse, a seção que se estende entre os versículos 1 e 8 do capítulo 1 pode ser considerada sua introdução.¹ Conhecer esses versículos é de importância fundamental para a correta interpretação do último livro da Bíblia. De acordo com Jon Paulien, “os primeiros oito versos do livro do Apocalipse servem como sua introdução. Neles o autor, o apóstolo João, nos diz como devemos interpretar esse livro profético.”²

Neste artigo quero analisar apenas Apocalipse 1:1 a 3. Esses versículos mostram o conteúdo da revelação dada por Jesus, como essa revelação chegou até nós e com que propósito Cristo Se apresentou a João em Patmos, no fim do primeiro século da era cristã.

O que Jesus revela

O último livro da Bíblia inicia com três palavras gregas, traduzidas nas versões em língua portuguesa como “revelação de Jesus Cristo”. No Novo Testamento, o verbo *apocalipto*, de onde vem a palavra “apocalipse”, sempre denota uma revelação divina, algo que estava encoberto aos nossos olhos, mas que Deus, em Sua bondade, resolveu nos mostrar. Encerrando a epístola aos Romanos, Paulo disse que sua pregação sobre a graça divina e a salvação em

Jesus Cristo foi um “apocalipse”, uma revelação de Deus (Rm 16:25-27).

De quem vem essa revelação? Qual é seu tema? A expressão “revelação de Jesus Cristo” pode significar duas coisas: que a revelação é dada por Jesus ou que o assunto da revelação é Sua pessoa.³ Em seu contexto imediato, o primeiro significado parece ser o mais correto. O texto correspondente,⁴ em Apocalipse 22:16, diz: “Eu, Jesus, enviei o Meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã”.

Ao mesmo tempo, João disse que essa revelação vem de Deus. De acordo com Apocalipse 1:1, quem deu a revelação a Jesus foi o próprio Pai. Isso é confirmado em Apocalipse 22:6: “Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou

Seu anjo para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer.”

Portanto, Jesus é o Mediador da revelação. Ele é tanto o Revelador quanto o Revelado. Além disso, a partir de Apocalipse 1:1, tudo gira ao redor da maravilhosa pessoa de Cristo: Ele anda entre os candelabros (Ap 1:12-20); envia mensagens às igrejas (Ap 2-3); é entronizado em meio a aclamações (Ap 4-5); abre os selos (Ap 6-8:1); luta contra o dragão (Ap 12:7-12); vem como um cavaleiro vitorioso (Ap 19:11-20); destrói Satanás (Ap 20:1-10) e traz a Nova Jerusalém (Ap 21-22). Portanto, na frase “revelação de Jesus Cristo” temos os dois significados: Ele é o Revelador e a revelação, o que traz as boas-novas e seu próprio conteúdo.⁵

As três primeiras palavras do livro mostram muito mais do que os perigos dos últimos dias. O foco da última profecia é Cristo – Seu amor, Sua graça, Seu constante cuidado. Isso deveria ser um norteador hermenêutico ao estudarmos todas as profecias do Apocalipse. Se não descobrirmos qual é o papel central de Jesus em cada uma delas, estaremos estudando o livro de maneira equivocada.

Como Jesus Se revela

Como Jesus Se revelou no Apocalipse? Há certa complexidade na maneira com que o livro chegou às nossas mãos (Ap 1:1). Em primeiro lugar, Deus é o originador da profecia. Ele, então, entregou essa revelação para Cristo. Por sua vez, Jesus enviou Suas mensagens por meio do Seu anjo, que entregou os oráculos divinos para João, o profeta. Na sequência, o apóstolo comunicou a revelação às igrejas da Ásia Menor e, por fim, temos acesso à mensagem do último livro da Bíblia.

O que essa aparentemente intrincada hierarquia pode significar para nós? Em primeiro lugar, João não é a mente por trás do Apocalipse. Deus é seu Autor. Apocalipse 1:2 indica que o apóstolo considerava seu livro como a “Palavra de Deus e o testemunho de Jesus”. A locução “Palavra de Deus”

e seus equivalentes (“Palavra do Senhor”, “dito do Senhor”, “sentença do Senhor”, etc.) é uma expressão técnica para autenticar a origem divina das profecias bíblicas do Antigo Testamento. Além disso, os profetas ligavam a expressão “Palavra do Senhor” à uma experiência de visão profética, como João fez (cf. Zc 1:1; Mq 1:1).

Portanto, a mensagem do Apocalipse é divina. Para compreendê-la, é preciso reconhecer que o Apocalipse, assim como todos os outros livros da Bíblia, não é meramente um amontoado de palavras humanas (2Pe 1:21). Sua mensagem tem origem em Deus e, para entendê-la, precisamos do auxílio divino. Devemos orar para que o Senhor abra nossa mente para que possamos compreender Sua vontade.

Isso deveria nos fazer pensar em como temos visto não só o Apocalipse, mas toda a revelação divina. Como temos nos aproximado da “Palavra de Deus” e do “testemunho de Jesus” (Ap 1:2)? Reconhecemos que ele é, de fato, a “revelação de Jesus Cristo”? Ter uma atitude de oração antes de nos aproximarmos da Bíblia para a estudarmos reforça em nós a ideia de que o texto que temos em mãos não é algo comum e que precisamos da ajuda divina para absorver suas mensagens.

Por quê Jesus Se revela

No versículo 3 está a primeira bem-aventurança de sete⁶ encontradas ao longo do Apocalipse: “Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.” João se referiu ao ambiente da igreja no primeiro século.⁷ Naquela época, poucas pessoas eram alfabetizadas. Para que as mensagens apostólicas, e mesmo as dos profetas do Antigo Testamento, chegassem ao conhecimento dos irmãos, havia muita leitura em voz alta da Palavra de Deus. A primeira parte da bem-aventurança se refere a essa prática. O Senhor prometeu bênçãos aos encarregados de ler as Escrituras e àqueles que se reuniam para ouvi-las.

Hoje poderíamos aplicar essa bênção ao ambiente das reuniões da igreja. Onde quer que ela se reúna, esse deve ser um ambiente para crescer no conhecimento de Deus. Há bênçãos especiais tanto para os pregadores da Palavra quanto aos que tiram tempo para ouvir os mensageiros. Contudo, a principal bênção está na última parte do versículo: o mais importante é colocar em prática a revelação de Jesus Cristo. Ler e ouvir a Bíblia é apenas um passo preliminar para a grande bênção que só vem com a obediência. Felizes são aqueles que “guardam as coisas nela escritas” (Ap 1:3).

O propósito da revelação de Jesus é claro: “mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer” (Ap 1:1), porque “o tempo está próximo” (Ap 1:3). Essa frase é o primeiro sinal da íntima ligação entre os livros de Apocalipse e Daniel.⁸ Daniel 2:28 afirma: “Há um Deus no Céu, o qual revela os mistérios, pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias.” Jesus mesmo havia ligado essa sentença aos Seus discursos sobre a segunda vinda nos evangelhos (cf. Mt 24:6; Mc 13:7; Lc 21:9).

A grande revelação de Jesus no Apocalipse, além de Si mesmo, é de Seu breve advento. E esse momento está próximo (Ap 1:3; 22:10). Nesse ponto, uma das perguntas mais comuns é: “Ora, João escreveu isso há 2 mil anos e Cristo ainda não veio... Como o tempo pode estar próximo?”

A segunda vinda estava próxima no tempo de João e, hoje, mais do que nunca, sob três aspectos: (a) Jesus desejava retornar para Seus filhos naquele tempo; (b) os cristãos aguardavam Sua vinda naquele tempo; e (c) a volta de Jesus sempre deve ser vista da perspectiva do tempo que temos para nos relacionar com Ele, pois, para aquele que morre, o advento será como um “abrir e fechar de olhos” (1Co 15:52).

Por isso, a grande pergunta não é acerca da brevidade ou demora da vinda de Cristo. Em Sua infinita sabedoria, Deus nos deu avisos sobre a proximidade do advento. Essa é uma das funções do Apocalipse.

Acima de tudo, porém, esse livro foi dado para nos preparar para Sua vinda. A grande pergunta é: minha vida pertence a Jesus? Tenho procurado a revelação de Sua Pessoa em minha vida? Estou obedecendo às ordens que Deus me deu em Sua Palavra?

Conclusão

A partir deste breve estudo, podemos destacar as seguintes implicações de Apocalipse 1:1 a 3. Em primeiro lugar, o centro e o principal assunto do último livro profético da Bíblia é Cristo. Ele é a lente pela qual todos os símbolos da profecia precisam ser vistos. Qualquer interpretação que deixe de fora o papel de Jesus na história e, especialmente, nos últimos eventos, é indigna de consideração.

Além disso, o Apocalipse é um livro inspirado, como toda a revelação bíblica. Sua mensagem aborda o relacionamento de Deus com Seu povo, de maneira especial durante os últimos eventos da história terrestre. O fato de ele ter sido enviado “para

mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer” demonstra quanto o Senhor os ama.

Por fim, uma interpretação do Apocalipse que não mostre a esperança nele tratada não faz jus ao seu propósito. Ele não foi escrito para amedrontar ninguém, mas para dar alegria e encorajamento. Ele apresenta a vitória final de Deus sobre o mal e o pecado. O Revelador, revelado nele, salvará Seus filhos e os levará para um lugar, uma vida e um futuro melhores. **M**

Referências

¹ Ranko Stefanovic (*Revelation of Jesus Christ: Commentary on the book of Revelation*, 2ª ed. [Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009], p. 51-77) considera Apocalipse 1:1 a 8 o prólogo do livro, e os versículos 1 a 3 a introdução. G. K. Beale (*The Book of Revelation: A commentary on the greek text*, NIGTC [Grand Rapids, MI: Eerdmans: Carlisle, UK: Paternoster Press, 1999], p. 108) reconhece que esse é o consenso, mas designa toda a seção de Apocalipse 1:1 a 20 como prólogo. Mesmo assim, ele considera Apocalipse 1:1 a 3 a introdução do livro também.

² Jon Paulien, *Seven Keys: Unlocking the secrets of Revelation* (Nampa, ID: Pacific Press, 2009), p. 11.

³ Em grego, a construção *Apokalypsis Iēsou Christou* pode ser tanto um genitivo objetivo quanto um genitivo subjetivo. Em outras palavras, a expressão *Iēsou Christou* é a origem do termo *Apokalypsis* (genitivo objetivo) ou pode ser o assunto da primeira palavra (genitivo subjetivo).

⁴ Vários autores têm demonstrado o inter-relacionamento entre a primeira e a segunda metade do Apocalipse: Elisabeth Schüssler Fiorenza, “Composition and Structure of the Book of Revelation,” *CBQ* 39.3 (1977): 344-66; Kenneth A. Strand, “As Oito Visões Básicas,” em *Estudos sobre Apocalipse: Temas introdutórios* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2017), p. 45-61; C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), p. 55-64.

⁵ Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, p. 54.

⁶ Ap 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7; 22:14.

⁷ Simon Kistemaker, *Apocalipse* (São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2014), p. 109.

⁸ Beale, *The Book of Revelation*, p. 181.



Gentileza do autor

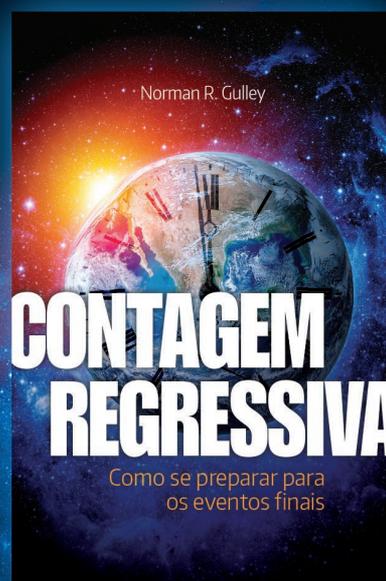
Clacir Virmes Junior, mestre em Ciências das Religiões, é professor de Novo Testamento na Faculdade de Teologia da Fadba

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

MKT CPB

VOCÊ JÁ PERCEBEU COMO O FIM ESTÁ PRÓXIMO?

O relógio do mundo está próximo a marcar meia-noite. O tique-taque intenso e progressivo dos sinais evidencia que algo grande e diferente está para ocorrer. O planeta está como uma grávida sentindo as dores do parto. A natureza está clamando, a sociedade gritando e a igreja confirmando: Jesus em breve voltará!



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br

WhatsApp



/casapublicadora

O contexto bíblico do



As atitudes e entidades por trás do código

Vanderlei Dorneles

É bem antiga a interpretação do significado do número 666 pelo método chamado gematria.¹ Muitos cristãos têm convicção da coerência dessa “exegese”. Além disso, protestantes históricos, desde os primeiros reformadores, relacionaram a entidade revelada por meio da metáfora do anticristo e da besta ao papado em sua trajetória perseguidora durante a Idade Média e no fim

dos tempos, como o pretense “substituto do Filho de Deus”.²

No entanto, muitas questões surgem diante dessa interpretação. Primeiro, a palavra traduzida por “calcular” é o verbo grego *psephizo*, que tem o sentido de “contar” e “calcular”, mas também de “descobrir”, “interpretar” e “vir a conhecer”.³ Ademais, outros nomes e títulos têm sido apontados como resultando em

666 por meio da gematria. Soma-se ainda o fato de que não há nada parecido em toda a Bíblia, nem em Daniel nem nos outros profetas. As metáforas ou símbolos deles não dependem de um cálculo numérico a partir de um nome ou título. Quando relatam visões, os profetas não usam códigos secretos, mas símbolos e metáforas, todos extraídos do contexto bíblico. Por fim, a aplicação do número a uma

única entidade na história ignora que o 666 é mencionado em relação à besta em sua fase posterior à cura da ferida mortal, sendo algo ainda futuro. É importante destacar também que o número é da besta como um todo e não de uma de suas cabeças, aquela ferida em 1798.

Diante dessas considerações, diferentes autores têm se debatido em busca do verdadeiro significado do 666.⁴ O objetivo deste artigo é discutir o tema com mais atenção ao contexto bíblico. A proposta é ver o relato acerca da imagem da besta e do número 666 (Ap 13:11-18) como parte de um contexto maior em que o capítulo 14 deve ser considerado, tanto quanto a primeira parte do 13. Ao mesmo tempo, também se busca no contexto bíblico as referências dessa visão de João. Nesse sentido, a pergunta é: Quais textos das Escrituras se refletem nessa visão e como nos ajudam a entender o que o apóstolo tinha em mente com o número 666?

Contexto no Apocalipse

O mais natural na interpretação da imagem da besta é vê-la como uma aliada da primeira besta e do dragão, formando a trindade do mal. Esses símbolos representam inimigos do povo da aliança, os quais o perseguem em diferentes fases da história. No tempo de Cristo, o império romano era o poder opressor dos judeus, e foi pela mão de soldados romanos que Cristo foi crucificado (cf. Ap 12:4; 2:9-10, 13). Durante a Idade Média, os cristãos foram perseguidos por 1.260 anos por uma entidade representada nesses mesmos símbolos (12:6, 14; 13:5, 7). E no tempo do fim são previstas intolerância e perseguição por parte desses poderes e seus aliados (12:17; 13:11-18).

No entanto, se nos detivermos em Apocalipse 12 e 13 para tratar dos símbolos ali descritos, poderemos ter apenas um contexto parcial das visões e enfrentaremos dificuldades ao lidar com o número 666. Diante dos desafios, a tendência é isolar o símbolo de seu contexto e ir para fora do texto bíblico em busca de

significados possíveis. É preciso enfatizar que esse é um método impreciso. Os símbolos bíblicos só encontram sua correta interpretação dentro do contexto bíblico.

A proposta então é estender a perícope de estudo até Apocalipse 14:12. O motivo são as conexões claras entre os dois capítulos. O capítulo 13 diz que a “marca” da besta é colocada sobre a “mão” e a “frente” das pessoas (13:16); o 14 começa com a visão dos 144 mil, que têm o nome de Cristo e de “seu Pai” sobre sua “frente” (14:1). No capítulo 13, a segunda besta impõe a “marca da besta”; a terceira mensagem no capítulo 14 adverte contra a “marca da besta”, numa clara continuação do tema. Além disso, é preciso notar a conexão entre Apocalipse 13 e o Pentateuco. O capítulo 13 diz que a terra e seus habitantes “adoram” a besta e o dragão (v. 4, 8, 12, 15); já o 14 traz o apelo do primeiro anjo para adorar o Criador que fez o “céu, e a terra, e o mar”, numa alusão a Gênesis 1 e 2 e Êxodo 20. Por fim, o capítulo 13 usa as palavras “fôlego” (*pneuma*) e “imagem” (*eikon*) para descrever a ressurreição da besta, e nisso também faz alusão ao relato da criação, quando *pneuma* (fôlego de vida) é assoprado para fazer Adão à “imagem” e “semelhança” de Deus (Gn 2:7; 1:27, 31). Assim, as visões de Apocalipse 13 e 14 estão interligadas e fazem referência ao relato da criação em Gênesis 1 e 2 e a Êxodo 20.

Com essa intertextualidade entre Apocalipse 13 e 14 e Gênesis 1 e 2 encontramos uma importante pista para a interpretação do significado do número da besta, que é dito ser “número de homem” (Ap 13:18). O contraste entre o “número de homem” (13:18) e o “selo de Deus” (7:2; 14:1) também retoma a criação, quando o Deus criador e o homem criatura estão juntos no dia de sábado (Gn 2:1-3; Êx 20:8-11). Jacques Doukhan diz que a tradição bíblica associa o número seis ao homem desde sua criação, no sexto dia, e que isso está implicado na frase “número de homem” (Ap 13:18).⁵

Descanso e plenitude

O relato de que Deus descansa no ápice de Sua criação (Gn 2) vem logo após a informação de que Ele criou o homem “à Sua imagem” (1:26). Isso indica que o autor de Gênesis considera o descanso de Deus no sétimo dia à luz do tema da criação do homem à “imagem de Deus” no sexto dia. O objetivo é ensinar que o homem cultiva sua semelhança com Deus ao entrar com o Criador no descanso do sétimo dia. Gregory Beale afirma: “A humanidade foi criada no sexto dia, mas sem o sétimo dia de descanso Adão e Eva estariam incompletos e imperfeitos.”⁶

De fato, ao imaginarmos o sétimo dia da semana da criação, podemos atestar a imagem e semelhança entre Deus e o homem à luz do tema do descanso. Toda a natureza seguia seu curso normal ao entrar no sétimo dia. Contudo, Deus e o homem pararam a fim de descansar e contemplar. A natureza é incapaz de parar e descansar por que não foi criada à imagem de Deus.

No entanto, com o pecado, as pessoas resistem a entrar no descanso divino, por causa de incredulidade e desobediência (Sl 95:11; Hb 3:11, 18, 19). Nesse caso, aqueles que se recusam a entrar no sétimo dia do descanso de Deus indicam, com isso, que não se consideram parte da imagem divina, mas parte da natureza, que não altera seu ritmo ao entrar no sábado. O autor de Hebreus usa o tema do descanso sabático em referência ao santuário. Mas o que é o sábado senão um santuário, em que se entra ou se deixa de entrar? Que a entrada no descanso divino aproxima o homem do Criador é bem atestado pelo autor de Hebreus: “Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das Suas” (Hb 4:10).

Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que, na semana da criação, avançar do sexto dia (o dia do homem) para o descanso do sétimo dia (o dia de Deus) é aceitar que fomos criados à imagem divina e que não viemos à existência por nós mesmos.

A incredulidade referida em Hebreus consiste em não aceitar nossa origem divina por não entrar no descanso, referido com a linguagem do sábado. No entanto, quando o homem entra no descanso de Deus, ele se identifica com o Criador e deixa de ser parte da natureza para ser parte do círculo da divindade, como criatura que reflete a “imagem” e “semelhança” de Deus, atingindo a plenitude.

Nessa linha de pensamento, João pode ter empregado o número seis no Apocalipse como uma referência ao dia da criação do homem, mas fazendo menção ao homem que resiste a entrar no descanso de Deus, permanecendo assim na incompletude.

A marca e o selo

João afirma que o selo divino é colocado sobre os “servos do nosso Deus” (Ap 7:3; 14:1). A palavra “selo” nesses versículos traduz o termo grego *sphragis*, o qual indica um meio ou instrumento de “autenticação”, “certificação”, “confirmação” e “reconhecimento”.⁸ Nesse caso, o selo não é algo imposto, mas apenas uma forma de confirmar e certificar algo que é intrínseco, próprio do caráter e da escolha individual. Os servos de Deus já são servos antes do selo (Ap 7:3). Eles têm feito sua opção de servir ao Senhor e de adorá-Lo como Criador. Por isso têm o “selo” ou o “nome” divino em sua frente (7:3; 14:1). O selo é algo que pode ser visto; é eviden-

(Ap 13:17, NVI). Essa tradução se ajusta melhor ao contexto, ao indicar que a “marca” é uma forma de identificar aqueles que têm desenvolvido em si mesmos o “nome” ou o “número” da besta. “Nome” e “número” são indicativos do caráter dessas pessoas em sua associação com o dragão e a besta, inimigos de Deus, os quais não aceitam sua origem como criação divina.

A palavra grega usada para “marca” é *káragma*, que indica “marca ou carimbo feito por gravura, impressão, marcação”, em geral para marcar animais e escravos.¹⁰ Enquanto o selo é uma autenticação de algo voluntariamente aceito, a marca é algo imposto como resultado de conformidade ou submissão. Assim, no contexto de Apocalipse 13 e 14, os “selados” são aqueles que assumem sua origem como “imagem” de Deus porque entram em Seu descanso e, assim fazendo, O adoram como Criador (Ap 14:7). Os “marcados” são aqueles que não assumem nem cultivam sua semelhança com Deus e, assim fazendo, não O reconhecem nem O adoram como Criador.

O 666 aponta não a uma entidade única, mas a uma atitude de incredulidade e rebeldia compartilhada pelo dragão, a besta, o falso profeta e por todos aqueles que não recebem o selo de Deus.

A ideia de incompletude referida pelo número seis no Apocalipse é bem clara. No sexto selo, sexta trombeta e sexta praga, o plano da salvação não está completado, e só se consuma quando se avança para o sétimo elemento. O “silêncio” do sexto selo (Ap 8:1), as “grandes vozes” celestiais da sétima trombeta (11:15) e o “está feito” da sétima praga (16:17) indicam o estado de plenitude a que chega a obra divina quando se avança do sexto para o sétimo elemento. “O sétimo em cada série no Apocalipse retrata a consumação do reino de Cristo. Cada série é incompleta sem o sétimo elemento.”⁷

ciado na atitude dos servos de Deus em entrar no descanso divino no sétimo dia.

Por outro lado, o restante da humanidade, que não adora o Criador nem proclama a si mesmo como parte da criação à imagem e semelhança divina, recebe a “marca da besta” (Ap 13:17). A maioria das versões bíblicas traduz esse texto indicando que as pessoas recebem “a marca, o nome da besta ou o número do seu nome” como se fossem três coisas semelhantes. No entanto, o chamado Códex Alexandrino traz outra leitura.⁹ Literalmente, essa versão diz que as pessoas recebem “a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome”

to, a resistir em avançar da condição humana de número seis e ascender para o sete da perfeição. No entanto, a resistência a ser criatura divina e a entrar no descanso de Deus não é uma atitude final. Aqueles que não admitem sua filiação com Deus vão necessariamente tentar ocupar o lugar de Deus, no sentido de substituí-Lo. Com isso, assumem o espírito do anticristo, desejando colocar-se em lugar de Deus.

Sendo uma Trindade perfeita, Deus pode ser designado com a repetição triplíce do sete. Por outro lado, a trindade satânica (dragão, besta e falso profeta), sendo uma imperfeita contrafação da Divindade,

O espírito do anticristo

A resistência em adorar o Criador corresponde, portan-

seria designada com a repetição tríplice do seis, o que indica uma intensificação da incompletude.¹¹

Nesse caso, o número 666 pode indicar a tentativa repetida e frustrada por parte do diabo, da besta e do falso profeta em ser como o Deus perfeito, associado no Apocalipse ao número sete. Essa mesma tentativa é seguida por todos aqueles que não admitem sua origem divina. Por isso, eles têm o “nome” ou o “número” da besta. Assim, o número 666 pode ser visto como a “acumulação ou repetição tríplice do número seis”, da recusa insistente em assumir a própria identidade como imagem divina.¹²

O dragão, a antiga serpente, foi o primeiro a fazer essa investida. Ele recusou a se submeter a Deus como parte de Sua criação e não O glorificou como Senhor. Em seguida, desejou ocupar o lugar de Deus: “Eu subirei ao Céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14:13, 14). “Semelhança” aqui não indica afinidade, mas concorrência e substituição. Lúcifer queria assentar-se no santuário celestial, em lugar de Deus. Na sequência, ele disse a Eva: “Você será como Deus” (Gn 3:5), levando-a a imitá-lo em sua ofensiva fracassada.

Quando ergueu a estátua de ouro com 60 côvados de altura e seis de largura (Dn 3:1), Nabucodonosor estava empreendendo a mesma tentativa de ocupar o lugar de Deus. O Senhor havia revelado que a cabeça de ouro da estátua do sonho representava Babilônia em sua fase na história (Dn 2:38, 39), e que por fim viria o reino de Deus (Dn 2:44). Entretanto, com uma estátua toda de ouro, o rei quis indicar que seu reino cobriria toda a história e não permitiria a chegada do reino de Deus. Nisso, ele exibiu o mesmo espírito ou “nome” do anticristo.

A besta, ao imitar o dragão, faz a mesma investida. Ela pretende ser semelhante

a Deus, no sentido de estar no lugar Dele, daí o pretense título de “substituto do Filho de Deus”. Por isso, a respeito dela se indaga: “Quem é semelhante à besta?” (Ap 13:4), como se ela fosse superior a todos, incluindo Deus. Quando João diz que os ímpios têm a “marca” da besta, está dizendo que eles têm o mesmo caráter dela, ou seja, compartilham com ela e com o dragão o desejo de querer ocupar o lugar de Deus, tentando ser “semelhantes” a Ele, no sentido de concorrência e substituição.

Nessa linha, Beatrice S. Neall afirma que “o número 666 representa a recusa humana de ascender para o sete, de dar glória a Deus como Criador e Redentor”. Ele “representa o homem exercendo a soberania em lugar de Deus, o homem conformado à imagem da besta em lugar da imagem de Deus.”¹³

Conclusão

O nome e o número da besta, portanto, não são exclusivos dela. Ela os obteve ao se identificar com o próprio Satanás em sua campanha de tentar ser *semelhante* a Deus. A finalidade da besta é impor esse “nome” e “número” a toda humanidade. O dragão levou Eva a desejar ser “semelhante” a Deus, no sentido de concorrência e substituição. Ao partilhar da investida do dragão, a primeira mulher perdeu sua identidade com o Criador e se tornou a primeira pessoa a demonstrar um caráter associado ao nome e ao número da besta. Contudo, depois teve a oportunidade de se arrepender.

O 666, nessa perspectiva, aponta não a uma entidade única, mas a uma atitude de incredulidade e rebeldia compartilhada pelo dragão, a besta, o falso profeta e por todos aqueles que não recebem o selo de Deus, por não entrarem em seu descanso, com todas as implicações nisso envolvidas.

A suprema realização do ser humano não consiste em negar o Criador e tentar substituí-Lo, mas em avançar da condição do número seis (número de homem) para

a plenitude do sete (o número divino). Entrar no descanso de Deus é assumir nossa identidade como filhos criados à imagem e semelhança divina. Todos aqueles que cultivam essa identidade recebem o selo do Deus vivo, preparando-se para estar com o Cordeiro sobre o monte Sião. **M**

Referências

- ¹ Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the book of Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009), p. 425. A aplicação do número 666 ao alegado título papal “Vicarius Filii Dei” foi originalmente proposta por Andreas Helwig (1572-1643), em sua obra *Antichristus Romanus*, publicada em 1602.
- ² Ver Robert O. Smith, *More Desired than Our Own Salvation: The roots of Christian Zionism* (Nova York: Oxford University Press, 2013), p. xxxv; Carl P. E. Springer, *Luther's Aesop* (Kirksville, MO: Truman State University Press, 2011), p. 168. Antony C. Thiselton, *1 and 2 Thessalonians Through the Centuries* (Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011), e-book.
- ³ Timothy Friberg, Barbara Friberg e Neva F. Miller, *Analytical Lexicon of the Greek New Testament* (Victoria, British Columbia: Trafford Publishing, 2005).
- ⁴ Ver Beatrice S. Neall, *The Concept of Character in the Apocalypse with Implications for Character Education* (Washington, DC: University Press of America, 1983); G. K. Beale, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2013); e Craig R. Koester, *Revelation* (New Haven: Yale University Press, 2014).
- ⁵ Jacques Doukhan, *Secrets of Revelation: The Apocalypse through Hebrew eyes* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002), p. 118.
- ⁶ Beale, *The Book of Revelation*, p. 724.
- ⁷ *Ibid.*, p. 722.
- ⁸ Friberg, *Analytical Lexicon of the Greek New Testament*.
- ⁹ Cf. Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, p. 425.
- ¹⁰ Friberg, *Analytical Lexicon of the Greek New Testament*.
- ¹¹ Beale, *The Book of Revelation*, p. 722.
- ¹² Alan F. Johnson, *Revelation* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), p. 535.
- ¹³ Neall, *The Concept of Character in the Apocalypse*,



Vanderlei Dorneles, doutor em Comunicação, é coordenador de pós-graduação na Faculdade de Teologia do Unasp, EC

Jornada completa

Um sermão sem apelo eficaz é semelhante a uma viagem que não alcança seu destino

Willie E. Hucks II

“Esperamos fazer um voo rápido, de apenas vinte e três minutos, de Chicago a South Bend. Estaremos lá em breve.” O copiloto disse as palavras que eu esperava ouvir. Acomodei-me no assento, apertei o cinto de segurança e mandei uma mensagem para minha esposa, dizendo que estava tudo bem e que eu a encontraria na esteira de bagagens.

Logo depois, o pequeno jato rugiu pela pista antes de subir rapidamente, alcançando sua altitude de cruzeiro sobre o Lago Michigan, descendo sobre sua costa leste e pousando em uma das duas pistas do pequeno aeroporto de South Bend. Eu estava eufórico porque, embora tivesse sido uma curta viagem ao Texas para visitar meus pais, logo encontraria minha esposa e iria para casa.

Sentado próximo à saída, rapidamente soltei o cinto de segurança, peguei minha mochila e esperei que a aeromoça nos desse permissão para desembarcar. E foi aí que veio a frustração. Cansado de ficar em pé, sentei-me e esperei – e muito! A ponte de embarque teve um problema e foi preciso chamar um mecânico para descobrir o que estava causando seu mau funcionamento e consertá-la.

Imagine a cena: eu estava próximo à saída, tão perto do desembarque, vendo minha esposa, ansioso para chegar em casa. Mas eu não podia fazer nada...

Sobre sermões e viagens

Pregar um sermão se assemelha a uma viagem aérea de várias maneiras. Os elementos da experiência de voo podem ser comparados aos elementos de um sermão: desde a chegada ao aeroporto para o embarque até a saída do aeroporto no desembarque.

Após o término de uma disciplina que ministrei no exterior, meu anfitrião me deixou no aeroporto a fim de retornar para casa. A partir daquele momento, eu estava sozinho para me localizar naqueles movimentados corredores. Então parei em frente a um enorme painel eletrônico, tentando descobrir aonde precisava ir para fazer

o *check-in*. Essa informação abriu o caminho para que eu pudesse dar os primeiros passos em minha jornada de volta. Para alguns, o título do sermão tem a mesma função.¹ Ele indica a direção inicial que o pregador, iluminado pelo Espírito Santo, deseja que os ouvintes percorram.

Depois do *check-in*, os passageiros embarcam e se preparam para partir. Então a aeronave taxia na pista, decola e gradualmente atinge a altitude de cruzeiro, a parte principal do voo, que leva os passageiros do ponto A ao ponto B. De modo similar, a introdução do sermão atua da mesma forma. Assim como nenhum avião se afasta do portão e instantaneamente alcança a altitude de cruzeiro, a introdução deve ser bem planejada e executada, a fim de levar os ouvintes para aquela que é considerada a parte principal do sermão, o corpo.

O corpo do sermão pode ser comparado à porção do voo que ocorre na altitude de cruzeiro, o momento da jornada que recebe mais atenção. Nas viagens de longa distância, os passageiros gastam muito de suas energias durante essa fase, comendo, lendo, dormindo ou se distraíndo. Similarmente, os pregadores tradicionalmente dedicam grande quantidade de tempo estudando e se preparando para essa parte do sermão. A lógica que impulsiona esses esforços está na ideia de que a disseminação de informação equivale à homilética capaz. No entanto, o corpo do sermão deve ser visto como uma das várias peças do quebra-cabeça homilético.

Hora de descer

Muito antes de um membro da tripulação anunciar a descida da aeronave, os viajantes frequentes reconhecem intuitivamente que estão se aproximando da aterrissagem. Especialmente se for um voo longo, eles sabem quanto tempo têm antes de precisar guardar o *laptop* ou usar o banheiro pela última vez. Nessa fase, os passageiros têm alguns minutos para se prepararem para um pouso bem-sucedido.

A conclusão de um sermão se assemelha à descida gradual e aterrissagem de um avião. A maior parte da jornada fica para trás, e chega a hora de tocar terra firmemente. Assim como foi na decolagem, o pouso deve ser seguro e suave. Qualquer imprevisto nesse momento causa inquietação. Os passageiros costumam guardar seus maiores elogios para os pilotos que executam aterrissagens tranquilas.

Aqueles que nos ouvem não esperam que o sermão experimente um “pouso forçado”. Eles querem sentir que nós, como pregadores, sabemos quando chegou o momento de diminuir gradualmente a “altitude” e aterrissar com sucesso. Mesmo que o sermão tenha estado à beira do desastre, ninguém almeja um pouso forçado. Os ouvintes ainda desejam alguma forma de notificação de que seu “voo” sermônico terminará em breve.

Chegada ao destino

De fato, uma viagem só é bem-sucedida quando todos os passageiros podem desembarcar com segurança. A entrega de um sermão funciona da mesma forma. Ele não termina até que os “passageiros” possam chegar ao seu destino. Se a congregação não tiver a oportunidade de tomar uma decisão como resultado do sermão, o pregador falhou em sua tarefa. Ninguém deveria encerrar um sermão sem fazer um apelo, assim como um piloto jamais deveria terminar um voo sem conduzir seus passageiros ao portão de desembarque no aeroporto de destino.

Um dos maiores desafios para os pregadores é fazer apelos eficazes. Existem muitas razões pelas quais eles lutam com essa parte do sermão. Alguns desconfiam de sua capacidade de persuasão ou até mesmo de sua preparação.² Outros temem a indiferença do público e o constrangimento, considerando a rejeição uma afronta pessoal. Há também aqueles que acreditam ser uma atitude invasiva pedir às pessoas que tomem uma decisão.

Pregadores, no entanto, têm permissão para invadir o espaço pessoal do ouvinte.

Essa autorização é inerente ao chamado para ocupar o púlpito e à escolha do ouvinte em estar na igreja. Nossa abordagem para o coração das pessoas deve ser direta, objetiva e incontestável. Haddon Robinson afirmou: "Como um advogado capaz, um ministro pede um veredito. Sua congregação deveria ver sua ideia inteira, completa, e conhecer e sentir o que a verdade divina demanda de cada um."³ Essa abordagem pede três componentes em cada apelo: reflexão, decisão e ação.

Reflexão. A reflexão envolve a escuta crítica que, por sua vez, leva à interpretação da mensagem, julgando seus pontos fortes e fracos e lhe atribuindo valor.⁴ Atribuir valor durante o processo de apelo exige que os ouvintes perguntem a si mesmos: "O que esse sermão disse?" "Por que isso é importante?" "O que devo fazer como resultado dessa mensagem?" A reflexão exige que os ouvintes interajam com o pregador e suas perguntas, bem como com o Espírito Santo que, durante o sermão, falou de maneira diferente para cada pessoa da congregação.

A abordagem do pregador é crítica nesse processo. Muitos oradores querem usar seus apelos para instruir os ouvintes sobre o que devem pensar e como devem responder. Essa abordagem inibe a capacidade das pessoas de refletir sobre como o Espírito Santo deseja que elas respondam.

Uma abordagem preferível seria envolver os ouvintes em uma série de perguntas que os levem a olhar introspectivamente para onde estão e para onde precisam ir. Tal procedimento cria o ambiente para que cada pessoa chegue ao destino que o Espírito Santo lhe designa individualmente.

Decisão. Quando os ouvintes refletem e se perguntam o que devem fazer como resultado dos questionamentos colocados diante deles durante a parte inicial do apelo, são obrigados a dar o próximo passo. Esse passo é fundamentado na natureza do sermão.

Por exemplo, se o sermão for sobre trabalho missionário, a pessoa pode refletir sobre sua falta de contato com os outros e então decidir: "Eu me comprometerei a ser usado por Deus para compartilhar minha fé." Se for a respeito de servir a comunidade, o ouvinte pode refletir sobre sua vida acomodada e então decidir: "Vou aprender mais sobre as necessidades da minha comunidade." Se a mensagem for acerca de estreitar a comunhão com Deus, a pessoa pode decidir dar ao Senhor permissão para renová-la e restaurá-la. Cada ouvinte toma sua decisão dependendo de onde se encontra em sua jornada.

Ação. Refletir e decidir são passos importantes. No entanto, se um plano de ação não for estabelecido, o *pathos* do momento é perdido assim que a bênção é pronunciada e a congregação começa a se encontrar à saída do templo. O pregador deve criar um clima durante o apelo de tal modo que motive os ouvintes a fazer algo de concreto sobre o que refletiram e decidiram. Uma abordagem é limitada quando se concentra no aspecto informacional sem gerar um resultado transformacional, que se revela em um estilo de vida renovado e cheio do Espírito.

Em outras palavras, um pregador que omite um dos três elementos do apelo se assemelha a um comandante que pouca uma aeronave e taxia até o portão, mas deixa de abrir a porta para a ponte de embarque, impedindo que os passageiros saiam e se encaminhem a seus destinos. Assim como cada viajante determina como continuará sua jornada, as pessoas na igreja devem criar um plano que indique como elas chegarão ao lugar em que o Espírito Santo deseja que elas estejam.

Conclusão

Após algum tempo, a comissária de bordo do avião que nos levou de Chicago a South Bend nos deu permissão para desembarcar. Resoluto, atravessei o longo corredor

ao lado dos portões e saí da área de segurança. Tudo que eu precisava era do acesso ao terminal do aeroporto, para que pudesse finalmente me encontrar com minha amada esposa.

Pregadores do evangelho devem ter a mesma abordagem quando fazem apelos. Nós nos colocamos entre Deus e o povo, falando com intencionalidade e determinação, desejando que os ouvintes deixem Jesus entrar, porque Ele está à porta do coração e bate (Ap 3:20). Cristo não quer nada menos do que se encontrar com Sua amada noiva!

Você hesita em fazer apelos? Tem medo de que as pessoas ignorem o que você tem a lhes dizer? E se você e eu, em vez disso, confiarmos na obra que o Espírito Santo faz no coração de nossos ouvintes? Seja corajoso, apele no espírito e poder de Elias (Lc 1:17) e veja o que Deus fará por meio de Seus humildes vasos de barro! **M**

Referências

¹ Muitos especialistas em homilética têm tradicionalmente definido as partes do sermão como introdução, corpo, conclusão e apelo. Eu incorporo um quinto elemento, o título, logo no começo. Ele provê um elemento crítico que liga os ouvintes aos outros componentes vitais do sermão.

² Ao usar a palavra persuasão, utilizo-a no contexto de empregar o *pathos*. Quando utilizo o termo *pathos*, refiro-me ao reconhecimento de que os seres humanos foram criados como entes emocionais. Nesse caso, não falo de apelar para ou com o emocionalismo.

³ Haddon W. Robinson, *Biblical Preaching: The development and delivery of expository messages* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2001), p. 176.

⁴ Para mais explicações, ver Bruce E. Gronbeck et al., *Principles and Types of Speech Communication* (Nova York: Addison-Wesley Educational Publishers, 1997), p. 35; Willie Edward Hucks II, "A preaching program to instill social consciousness in African-American churches in Dallas/Fort Worth, Texas" (tese de doutorado, Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, Universidade Andrews, 2005), p. 105-107.



Cortesia do autor

Willie E. Hucks II, doutor em Ministério, é diretor do departamento de Ministério Cristão no Seminário Teológico da Universidade Andrews

Tenha sucesso na ~ PREGAÇÃO

Dois livros indispensáveis na biblioteca de pastores e líderes cristãos. **Como Preparar e Apresentar Sermões** trata dos aspectos espirituais da pregação, e também da forma e das técnicas que devem ser empregadas em seu preparo e exposição. **O Poder da Pregação Bíblica** revela dicas de renomados pregadores contemporâneos acerca de como expor a Palavra de Deus com autoridade.



Ministério de poder

Os elementos fundamentais para vivenciar um pastorado com propósito

Ron Clouzet

Ser pastor significa amar os outros mais do que a si mesmo. Mas esse era meu problema: eu não amava os outros mais do que a mim mesmo. Dois dos meus tios eram pastores. Um deles era erudito e abnegado, o outro era um líder amado na igreja por seu espírito cristão. Quanto a mim, não era como nenhum deles. Preferia impor minhas opiniões e defendê-las de maneira egocêntrica. Detestava a ideia de concordar com as pessoas apenas para ser bem visto por elas. Eu queria servir, mas preferia servir a meu modo.

Mesmo assim, eu não conseguia afastar o pensamento de que deveria considerar seriamente a possibilidade de me tornar pastor. Alguns dos meus amigos haviam abraçado o ministério. Eles o realizavam de modo gentil e paciente, mesmo quando enfrentavam situações desanimadoras. Eu era um franco atirador. Valorizava eficiência e justiça acima da misericórdia e correção com amor.

Ainda assim, eu achava que Deus estivesse operando fielmente quando eu visitava pessoas, dava estudos bíblicos e pregava.

Quando eu estava na faculdade de Teologia, tive dúvidas se iria me qualificar como pastor. Durante o curso, fiz estágio em uma igreja local. Eu não conseguia entender por que as pessoas se sentiam beneficiadas com meu ministério, mas admito que fui o mais abençoado ao praticar o pastorado entre elas. Semanas antes de minha formatura, recebi dois chamados para trabalhar como pastor.

Depois de dois anos trabalhando como pastor distrital, algumas dúvidas ainda persistiam. Eu estava progredindo, mas sentia que já devia estar mais convicto da minha vocação. Após passar quatro meses em um treinamento evangelístico em Chicago, as cortinas da minha mente se abriram, e a luz da sabedoria divina entrou.

O propósito do ministério

Percebi que o ministério pastoral deve ter como prioridade levar a salvação aos perdidos, e não somente cuidar dos "santos". A tarefa principal do ministro deve ser a de ensinar os membros a enxergar o que Deus vê quando olha para o mundo perdido. Meu foco no ministério mudou da manutenção dos membros para a salvação das pessoas. Afinal, cada cristão deve se tornar um discípulo do Mestre para a salvação dos pecadores.

Minha vida espiritual começou a ter mais sede de Cristo. Minhas igrejas começaram a crescer. Pude entender por que no final do Seu ministério, o foco de Jesus foi a Grande Comissão (Mt 28:18-20). Ele queria que Seus seguidores vissem a necessidade que o mundo tem de um Salvador.

O poder da oração

Separei grande parte do meu tempo para estudar a Palavra de Deus com interessados.



Alegrava-me cada vez que via o brilho em seus olhos quando percebiam alguma verdade maravilhosa na Bíblia que se aplicava à vida deles. Na igreja, organizamos ministérios para alcançar mais eficientemente as pessoas. Fazíamos visitas de porta em porta para orar pelos moradores. Nossos jovens ficaram animados com um Deus que havia se tornado real para eles.

Certa manhã, percebi que não sabia orar. Minhas orações eram imaturas, autocentradas, superficiais e distantes de um diálogo íntimo com o Todo-Poderoso. Então, anunciei para a igreja que teríamos uma série de sermões sobre a oração.

Apreendi que os dois maiores problemas na oração são a negligência e a falta de fé. No fim da série, a igreja acordou, e eu também. Convidei os anciãos para juntos orarmos na igreja, às segundas-feiras, das cinco às sete da manhã. Os diáconos e as diaconisas quiseram juntar-se ao grupo. Depois, adicionamos a essa jornada as manhãs de sexta, sábado e domingo. Os membros que desejavam também se uniram ao grupo. Então, incluímos os três dias restantes da semana. E foi assim que uma igreja “laodiceana” se tornou uma igreja de oração. Não fizemos isso em favor de nós mesmos, mas pelo bem

dos perdidos, oprimidos e desesperançados deste mundo. Vidas importavam, e isso nos motivou, a cada manhã, a entrar na presença do Senhor e de Seu trono de graça para pedir em favor delas (Hb 4:16).

A igreja cresceu a exemplo de como Paulo ouviu falar dos efésios: espiritual e numericamente (Ef 4:11-16). Os fins de semana de jejum e oração eram realizados duas vezes por ano, e tínhamos até 800 participantes, quando a igreja tinha apenas 400 membros. A transformação da vida se tornou o desejo objetivo de cada um. Vários ministérios foram estabelecidos para beneficiar a comunidade. A maioria dos membros ajudava em algum deles. Deus nos concedeu o privilégio de batizar 194 pessoas!

O poder do ministério

O que aconteceu com o jovem pastor cheio de dúvidas sobre o ministério? Ele desapareceu! Após vários anos trabalhando como pastor distrital, fui convidado a ensinar pastores. Fiz isso durante 23 anos maravilhosos. O pastor que Deus pode usar não é aquele que sobressai em tudo nem aquele que acha que consegue manter todos ao seu redor. O pastor que continua crescendo é aquele a quem o Senhor

pode usar. Davi cometeu sérios erros, mas Deus nunca se cansou de “exaltar” Seu servo, “um homem segundo o Seu coração” (At 13:22).

Como George Müller, descobri que o segredo da oração de poder é a comunhão íntima com a Palavra de Deus. Ele escreveu: “O principal negócio a que devo prestar atenção todos os dias é ter comunhão com o Senhor. A primeira preocupação não é quanto eu posso servir ao Senhor, mas como meu homem interior pode ser nutrido. [...]”

“A coisa mais importante que tive que fazer foi ler a Palavra e meditar nela. Assim, meu coração pôde ser consolado, encorajado, advertido, reprovado e instruído.

“Antigamente, quando eu me levantava, orava o mais breve possível. Muitas vezes, eu passava de quinze minutos a uma hora ajoelhado, lutando para orar enquanto minha mente vagava. Agora raramente tenho esse problema. Quando meu coração é nutrido pela verdade da Palavra, sou levado à verdadeira comunhão com Deus. [...]”

“Como o homem exterior não está preparado para o trabalho por qualquer período de tempo a menos que ele coma, assim é com o homem interior. Qual é a comida do homem interior? Não a oração,

mas a Palavra de Deus, não a simples leitura da Palavra de Deus. [...] Devemos considerar o que lemos, refletir sobre isso. [...]

“Por meio de Sua Palavra, nosso Pai fala conosco. [...] Quanto mais fracos somos, mais estudo da Bíblia e meditação precisamos.”¹

Reivindicando Isaías 50:4 e 5, tenho acordado todas as manhãs quando Deus me chama para me encontrar com Ele. Isso tem acontecido na maioria dos dias nos últimos 30 anos. Lembro-me de certa madrugada, sentado perto de um lago em Nevada, em que o resplendor da Lua cheia era tão forte que eu podia ler a Bíblia sem o auxílio de outra luz. Lembro-me da alegria e emoção de estar com o Senhor, de caminhar com o Criador como se nada mais no Universo realmente importasse.

Também me lembro de quando li o livro mais inspirador sobre a vida de Cristo fora dos evangelhos, *O Desejado de Todas as Nações*. Ao lê-lo, eu literalmente fui tocado pelo imenso amor e pela imerecida graça de um Salvador que por mim Se dispôs a ser pregado na cruz.² Anos mais tarde, relatei esse fato com a experiência de conversão de Charles Finney, quando li sobre as “ondas e ondas de amor líquido” que foram derramadas sobre sua alma por um Deus que não desistiu dele.³

Recentemente, enquanto caminhava por ruas estreitas em Tóquio, supliquei ao Senhor que atendesse meu pedido em favor das pessoas com quem eu estava compartilhando o evangelho nas conferências públicas. Para minha surpresa, a resposta veio na noite seguinte, quando fiz o apelo e um grande número delas aceitou a Cristo.

Deus é bom. Deus é real. Ele é mais do que real. Quando vislumbramos Sua grandeza e Seu amor feito sob medida para cada um de nós, ficamos admirados. Silenciosamente, rasgamos nosso coração cheio de profunda gratidão por um Deus que Se importa muito com cada um de Seus filhos. Poderíamos nos perguntar quanto mais

existe a respeito Dele que não somos capazes de perceber. Parafraseando o salmista: Quando considero Seu caráter e Sua natureza misericordiosa, as maravilhas que Ele coloca à nossa disposição, “que é o homem, para que Te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?” (Sl 8:4).

Deus é tudo de que precisamos. Sem Ele não somos nem podemos fazer nada (Jo 15:5). Há pouco tempo, visitei uma senhora em grande angústia. Com a ajuda de um tradutor, durante duas horas, eu a ouvi contar sobre seus problemas e me compadeci de seu sofrimento. O ambiente era sombrio, parecia que uma nuvem escura havia parado sobre a casa dela. Mas, ao abrir a Palavra de Deus e falar de Suas promessas, o ambiente se transformou. Aquela senhora atribulada e sem esperança entendeu que acima das nuvens escuras há um lindo céu azul onde o sol continua brilhando. “Fale de fé e você terá fé.”⁴ Quinze minutos refletindo nas Escrituras mudaram duas horas de tristeza e escuridão. O tradutor ficou impressionado com a transformação que viu.

Ser egoísta ou cometer pecados recorrentes é uma grande fraqueza. Contudo, como cristãos, nosso maior defeito é a falta de fé. Nos relatos dos evangelhos, descobrimos que isso acontece com a maioria das pessoas. No entanto, tudo o que Cristo quer de mim sou eu por inteiro. Tudo de que Ele realmente gosta sou eu. Quando sou inteiramente Dele, sou transformado em um pescador de pessoas. Mas se vivo somente para mim, minha rede e meu barco permanecem cheios de buracos.

Olhe para cima

Faz mais de 37 anos que iniciei meu ministério. Ao longo desses anos trabalhei em diversas áreas. Ainda tenho dúvidas, mas elas são apenas sobre mim mesmo. Não mais tenho dúvidas sobre Deus nem o que Ele é capaz de fazer. No entanto, estranhamente, alguns dias escondo meu

rostro Dele. Sei que Ele continua me amando, porque Ele é amor (1Jo 4:8). O Senhor irá terminar a obra que Ele começou em mim (Fp 1:6), não conforme o que eu mereço, mas porque Ele prometeu.

O livro de Hebreus foi escrito por Paulo, um pastor, teólogo e missionário bem instruído. No capítulo 11, encontramos o tão conhecido *hall* da fama dos heróis da fé. Pela fé, Abel obedeceu a Deus; pela fé, Enoque andou com Deus; pela fé, Noé preparou a arca, e assim por diante. Pela fé, a prostituta Raabe, por ter acolhido os espiões, não foi morta. O capítulo termina com essas palavras: “Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fixos em Jesus, Autor e Consumador da nossa fé” (Hb 12:1, 2, NVI).

Entre os heróis da fé, encontramos alguns que também experimentaram dúvidas em sua caminhada com o Senhor. Contudo, eles continuaram olhando com esperança para cima. Eles escolheram confiar no que Deus pode fazer por Seus filhos. Eu tenho feito a mesma escolha e desfrutado do verdadeiro propósito e poder do ministério. **M**

Referências

¹ George Müller, *The Autobiography of George Müller* (New Kensington, PA: Whitaker House, 1984), p. 139, 140.

² Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 755, 756.

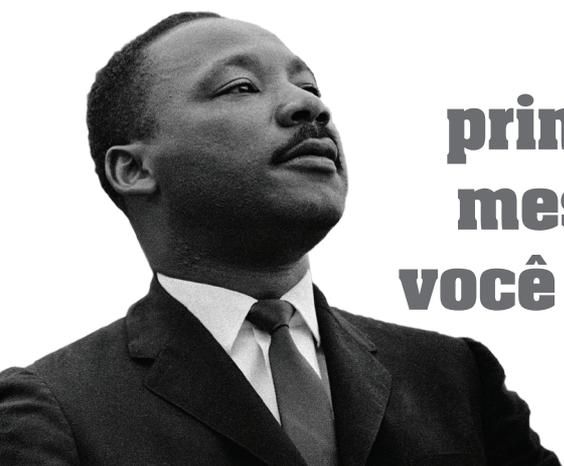
³ Charles G. Finney, *The Autobiography of Charles G. Finney* (Mineápolis, MN: Bethany House, 1977), p. 10.

⁴ Ellen G. White, “The Light of the World”, *The Signs of the Times*, 20 de outubro de 1887.



Ron Clouzet, doutor em Ministério, é secretário ministerial para a Igreja Adventista na região do Pacífico Norte-Asiático

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



“Fé é dar o primeiro passo, mesmo quando você não vê toda a escada.”

Martin Luther King



“Sem o Calvário não haveria o Pentecostes, mas, sem o Pentecostes, o Calvário seria de pouco valor.”

LeRoy E. Froom



“Enquanto Roma queimava, Nero tocava música. Assim são alguns pregadores que, enquanto as pessoas se perdem, continuam

falando coisas secundárias.”

C. H. Spurgeon



“A vontade de Deus não nos levará aonde a graça de Deus não possa nos sustentar.”

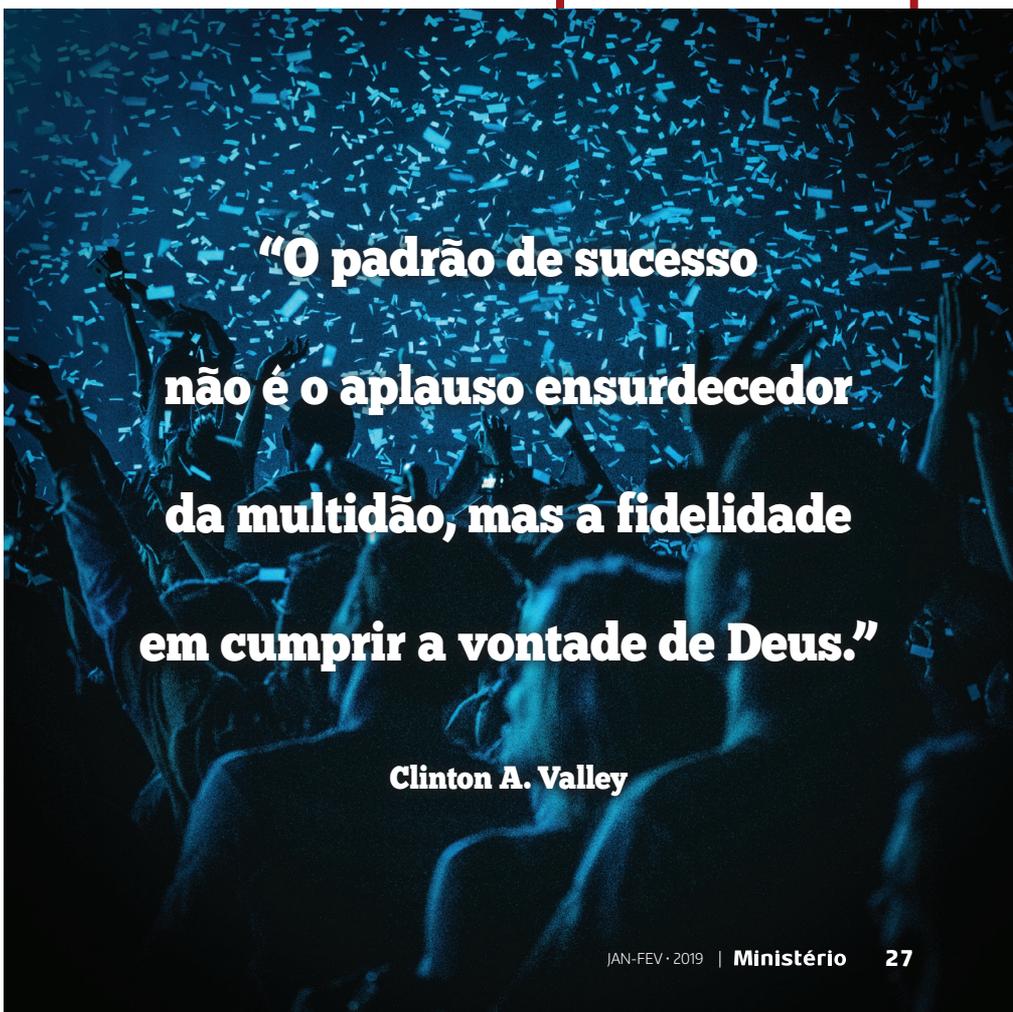
Billy Graham



“A Bíblia nos foi dada não para aumentar nosso conhecimento, mas para mudar nossa vida.”

Dwight L. Moody

Jordan Conner / Unsplash; Wikimedia Commons; Divulgação



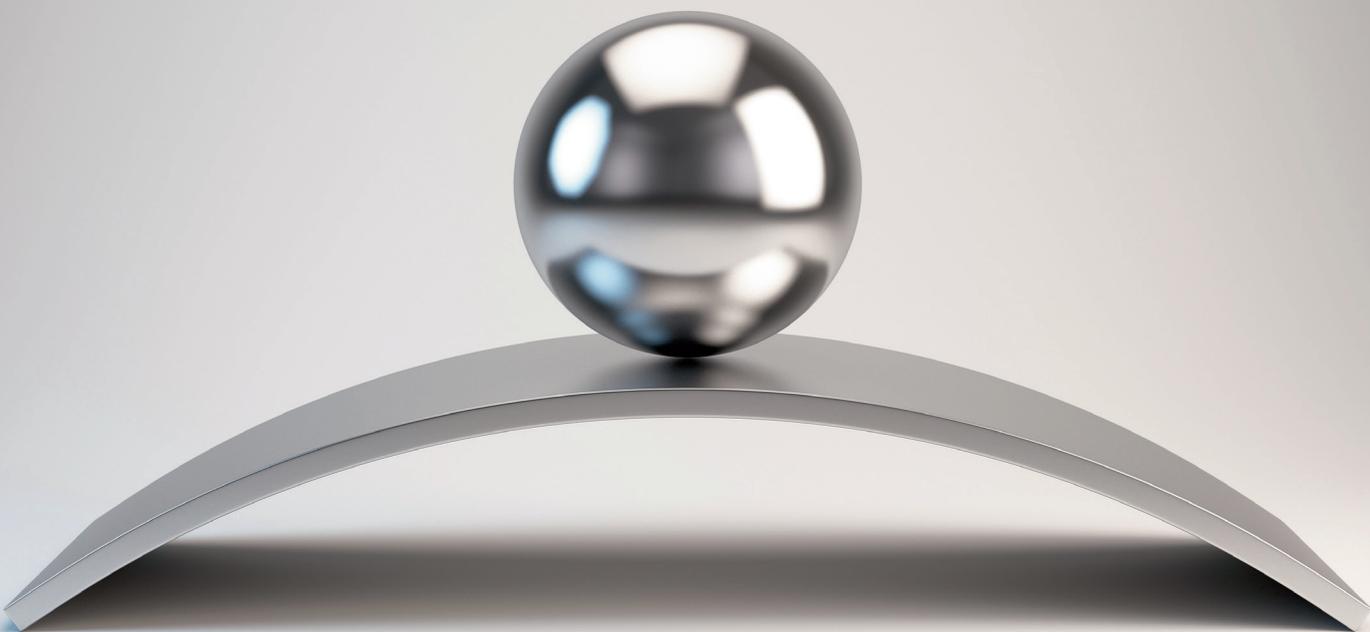
“O padrão de sucesso não é o aplauso ensurdecedor da multidão, mas a fidelidade em cumprir a vontade de Deus.”

Clinton A. Valley

Discipulado **centrado**

O equilíbrio da igreja apostólica no livro de Atos e sua aplicação nos dias atuais

Lucas Alves e Wellington Barbosa



Um olhar sobre o mundo e a postura das pessoas nos leva a constatar um alto índice de polarização no ar. Questões políticas, sociais, econômicas ou ideológicas estão marcadas por um destacado espírito de ruptura, evidenciado pelo discurso do *nós contra eles*.

Essa característica de nosso tempo também tem influenciado a percepção da vivência na igreja. De modo específico, este artigo toca em algumas polarizações que surgiram no que diz respeito à prática do

discipulado. Longe de opinar sobre todos os aspectos dessa discussão, este texto aborda alguns extremos observados nas áreas da pregação, do crescimento de igreja, evangelismo, foco de trabalho e ministério à luz da experiência da comunidade apostólica, conforme Lucas retrata no livro de Atos. Acreditamos que a prática bem-sucedida da igreja do primeiro século, que em pouco tempo transtornou o mundo (At 17:6), deve nos inspirar a ser o que Deus deseja que sejamos como Seu povo escolhido.

Jesus ou doutrina?

Ao longo do tempo, algumas pessoas têm situado a ênfase da pregação cristã em dois extremos. Por um lado, existem aqueles que defendem a ideia de que se deve pregar somente sobre o relacionamento com a pessoa de Jesus, tornando a experiência religiosa bastante subjetiva e fluída. Por outro lado, alguns afirmam que a pregação deve ser essencialmente doutrinária e apologética, a fim de fortalecer os crentes nos fundamentos da fé cristã.

Ao observar a igreja apostólica, é notório que ela mantinha o equilíbrio entre esses dois pontos. No Pentecostes (At 2:14-36), o primeiro grande sermão de Pedro teve como argumento principal a pessoa de Jesus. Ele iniciou (v. 14) e concluiu (v. 36) sua mensagem destacando a messianidade de Cristo. Entretanto, logo a seguir, ao descrever o modo de vida dos primeiros cristãos, Lucas afirma que eles “perseveravam na *doutrina dos apóstolos* e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:42). John Stott observa que “os novos convertidos não estavam desfrutando de uma experiência mística que os levou a desprezar sua mente ou a teologia. O anti-intelectualismo e a plenitude do Espírito são mutuamente incompatíveis, porque o Espírito Santo é o Espírito da verdade. Nem os primeiros discípulos imaginaram que, por terem recebido o Espírito, Ele seria o único Professor de que precisavam, e podiam dispensar os mestres humanos. Ao contrário, sentavam-se aos pés dos apóstolos, famintos por receber instrução, e perseveravam nela”¹.

O discipulado cristão não deve alimentar o movimento pendular que ora enfatiza o relacionamento com Cristo ora destaca a doutrina, mas apresentar Jesus por meio da doutrina e a doutrina por meio de Jesus. Nesse sentido, Alberto R. Timm alerta que “jamais deveríamos transformar o relacionamento com Cristo num substituto às verdades bíblicas, nem enaltecer as verdades bíblicas em detrimento do relacionamento com Ele”². Assim, uma postura equilibrada, que apresenta Jesus e Sua doutrina, é a salvaguarda contra a espiritualidade abstrata que gera cristãos infrutíferos e o legalismo doutrinário que produz cristãos insuportáveis.

Quantidade ou qualidade?

Outro ponto debatido quando o assunto é o discipulado está relacionado com a qualidade e a quantidade dos novos discípulos. Nas extremidades dessa discussão estão numerólatras e numerófobos.

Os primeiros enxergam o discipulado apenas em termos de resultados numéricos e reduzem a avaliação do trabalho pastoral à quantidade de pessoas batizadas em determinado período. Os últimos afirmam que a qualidade está acima da quantidade e que mais importante do que o número de batizados é quantos membros permanecem na igreja ao longo do tempo.

No livro de Atos essa disputa não se sustenta, pois quantidade e qualidade andavam lado a lado na igreja apostólica. Por diversas vezes Lucas menciona, em tom de alegria, como o número de discípulos se expandia, à medida que a mensagem cristã alcançava novos territórios (por exemplo, At 2:41; 4:4; 6:1, 7; 9:31; 11:24; 12:24; 16:5; 17:12; 21:20). Esse crescimento numérico, contudo, não estava dissociado do crescimento espiritual dos novos convertidos. Tanto o retrato de Atos 2:42 a 44 quanto o de Atos 4:32 apontam para uma igreja sólida em seu relacionamento com Deus e com o próximo.

Jay Gallimore, refletindo sobre o papel dos números no trabalho pastoral, faz uma afirmação relevante: “Ao avaliar o que está acontecendo em meu ministério, o número de pessoas que frequentam a igreja e de batismos é muito importante. A questão nunca deve ser se devemos usar os números, mas como os usamos. Se eles forem dissociados do objetivo final, que é desenvolver pessoas que sejam semelhantes a Cristo, então distorcerão a visão”³.

Não podemos ignorar o fato de que, na Bíblia, não existe qualidade estéril. Jesus afirmou na parábola do semeador que a semente que cai “em boa terra é o que ouve a Palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um” (Mt 13:23). Ellen White lembra ainda que “o ministro que ora, que possui uma fé viva, apresenta as respectivas obras, e grandes resultados acompanham seu trabalho, apesar dos obstáculos combinados da Terra e do inferno”⁴. Inevitavelmente, o discipulado saudável gera muitos frutos para o reino!

Evangelismo pessoal ou público?

Nem mesmo a metodologia evangelística escapou dos debates que envolvem o discipulado. Para alguns, o evangelismo pessoal é a melhor forma de compartilhar a mensagem, abrindo mão de qualquer estratégia vinculada ao evangelismo público. Para outros, o evangelismo público está acima de todas as iniciativas pessoais.

De fato, a polarização entre evangelismo público e pessoal é inexistente no Novo Testamento. Em Atos, os cristãos proclamavam a mensagem a grandes multidões (At 2:6; 14:1), mas também pessoalmente (At 8:26-40) e nas casas (At 5:42; 20:20), ampliando as possibilidades de alcance do evangelho.

Russell Burrill destaca a importância de a igreja ser sensível à variedade de públicos e aberta à diversidade de métodos de alcance. Como especialista em crescimento de igreja, ele sugere que as “igrejas adventistas que crescem reúnem uma mescla de estratégias bem-sucedidas que se adequam às suas congregações e aos seus estilos de ministério”⁵.

Esse conceito não é recente no adventismo. Em 1895, Ellen White foi enfática ao dizer: “Vocês devem fazer visitas de casa em casa, como fiéis administradores da graça de Cristo. Enquanto trabalham, delineiam e planejam, novos métodos se lhes apresentarão à mente a todo momento, e pelo uso aumentarão as capacidades de seu intelecto. [...] Alguns podem trabalhar silenciosamente, despertando interesses, enquanto outros falam em público”⁶. O desafio que temos é muito grande, e grande deve ser nossa capacidade de articular metodologias que, fundamentadas bíblicamente, auxiliem no cumprimento da missão.

Social ou missionário?

Além das questões sobre pregação, crescimento de igreja e evangelismo, outra discussão que também acompanha o tema do discipulado está relacionada ao

foco do trabalho. De um lado se encontram aqueles que defendem uma abordagem puramente social, relevante para a comunidade, sem intencionalidade evangelística. Do outro estão os defensores de uma estratégia missionária agressiva, que não se ocupa com as condições sociais e está preocupada em compartilhar a mensagem da salvação com vistas ao reino vindouro.

Novamente, o livro de Atos apresenta a igreja apostólica num caminho intermediário. As necessidades sociais eram atendidas pela comunidade (At 2:44, 46; 4:32-35; 6:1-3), enquanto o evangelho era proclamado com poder a todo povo (At 4:33; 6:4).

Nesse sentido, uma das mais conhecidas declarações de Ellen White equilibra esses dois polos, ajudando a igreja a moderar seu discurso: "Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como Alguém que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: 'Segue-Me!'"⁷ Dessa maneira, o discipulado não se reduz à promoção de um evangelho social, mas também não se limita à proclamação das boas-novas desconectada da realidade social. Por meio do serviço abnegado, a igreja deve ser as mãos reconhecidas de Cristo para o mundo.

Pressão ou paixão?

Por fim, uma preocupação mais específica do contexto pastoral está relacionada com as lutas que um ministro enfrenta ao se empenhar no discipulado. Uma cena comum em qualquer concílio é a formação de rodas de pastores que compartilham suas experiências ministeriais com amigos que não se veem há certo tempo. Alguns vivem uma fase muito agradável no pastorado, enquanto outros enfrentam várias pressões à frente de suas igrejas.

Em realidade, alguns desafios são comuns a todos os pastores. Não há um único ministro que não tenha que lidar com o peso das expectativas pessoais, congregacionais, sociais e institucionais. Enquanto alguns sucumbem diante das pressões, outros as sublimam com base na paixão pelo ministério.

Pressão e paixão sempre caminharam juntas na experiência dos cristãos apostólicos. A tarefa de fazer discípulos é uma afronta ao reino das trevas e jamais será realizada sem oposição. Em Atos 4:1 a 22, Lucas narra o interrogatório a que Pedro e João foram submetidos perante o Sinédrio. Após tentar constrangê-los, a ordem dos líderes religiosos foi "que absolutamente não falassem, nem ensinassem em o nome de Jesus" (v. 18). E qual foi a reação da igreja? Os irmãos, unanimemente, oraram a Deus e pediram que os apóstolos fossem capacitados a proclamar a Palavra "com toda intrepidez" (v. 29).

Talvez o exemplo apostólico de sofrimento mais destacado seja o de Paulo. Por exemplo, em 2 Coríntios 11:16 a 30, ele listou algumas das situações desafiadoras pelas quais passou em seu ministério. Entretanto, apesar das pressões, o apóstolo dos gentios foi capaz de dizer: "Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma. Se mais vos amo, serei menos amado?" (2Co 12:15). Em Atos 20:24, perante os efésios, ele afirmou: "Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus."

Portanto, a solução para lidar com essa condição inerente de nossa vocação não consiste em sucumbir diante das pressões nem sublimá-las com base na paixão, mas em encontrar o equilíbrio em Cristo, que "não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2Tm 1:7).

Conclusão

A posição equilibrada que encontramos no livro de Atos acerca dos temas polarizados com os quais nos deparamos atualmente deve ser o alvo pelo qual devemos trabalhar. Tanto membros quanto pastores são desafiados a superar esse espírito de ruptura que paira sobre a sociedade, para fazer da igreja um ambiente diferenciado, em que a graça de Deus reine de modo soberano.

Sem querer ser reducionistas quanto à complexidade dos pontos apresentados, cremos que as experiências mencionadas a partir do relato neotestamentário sejam suficientes para abrir um caminho moderado pelo qual o discipulado possa ocorrer, alcançando seu propósito principal: a formação de crentes maduros em Jesus Cristo, preparados para compartilhar as boas-novas do reino e herdar a salvação eterna. **M**

Referências

- ¹ John R. W. Stott, *The Message of Acts: The Spirit, the church & the world* (Leicester, Inglaterra; Downers Grove, IL: InterVarsity Press), p. 82.
- ² Alberto R. Timm, "Podemos ainda ser considerados o 'Povo da Bíblia'?", *Revista Adventista*, junho de 2001, p. 16.
- ³ Jay Gallimore, "Measuring the pastor's success", *Ministry*, maio de 1990, p. 14.
- ⁴ Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 18.
- ⁵ Russell Burrill, *How to Grow an Adventist Church* (Fallbrook, CA: Hart Books, 2009), p. 31.
- ⁶ Ellen G. White, *Ministério para as Cidades* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 79.
- ⁷ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 49.



Divulgação DSA

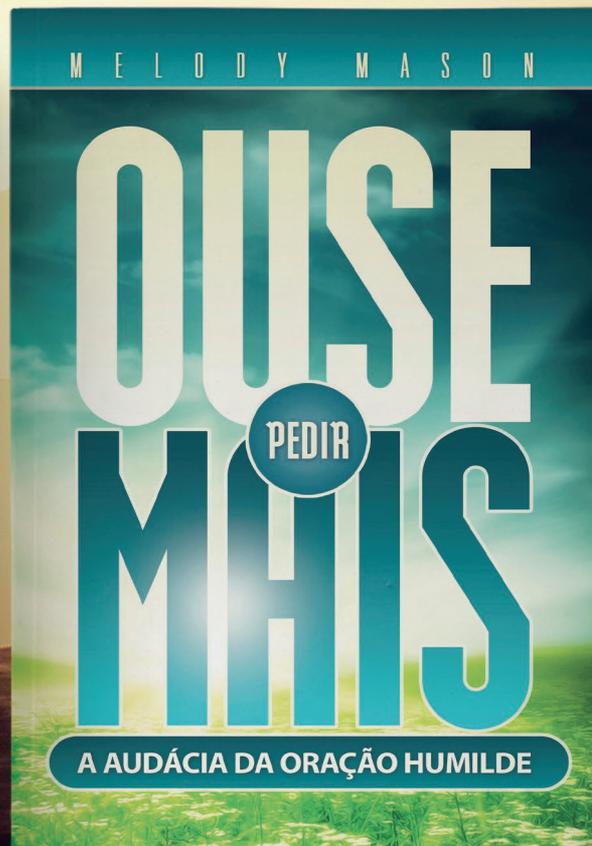
Lucas Alves, doutorando em Ministério, é secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul



William de Moraes

Wellington Barbosa, doutorando em Ministério, é editor da revista Ministério

A MAIOR E A MAIS URGENTE DE TODAS AS NOSSAS NECESSIDADES



MKT CPB | Fotoia

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



o milagre da conversão

Uma das coisas que marcam a vida do pastor é acompanhar a conversão de pessoas a Cristo. É algo tão ímpar que se pode sentir claramente a mão de Deus e a atuação do Seu Espírito.

No meu quarto ano de ministério, fui designado para assumir o distrito da cidade de Durazno, Uruguai. Alguns anos antes, um colega havia planejado abrir ali uma congregação no bairro La Figuera. Lembro-me de que, ao chegar, fiz de tudo para contratar um instrutor bíblico, a fim de realizar pesquisas de interesse em estudos bíblicos com a população. Entretanto, isso não foi possível durante meu primeiro ano de trabalho. Com o apoio dos irmãos, continuamos orando e, no ano seguinte, conseguimos dois instrutores bíblicos para nos ajudar. A população do bairro era constituída por pessoas de poucos recursos e que haviam recebido casas construídas pelo governo em um local livre de inundações.

Quando começamos a visitar os interessados, conhecemos Carolina, cuja vida era muito complicada. Ela cuidava de dois filhos e de vários sobrinhos, vivendo em uma casa de apenas dois cômodos apertados. O alimento era escasso, e toda comida que conseguia vinha dos restaurantes populares do município. Eduardo, o instrutor, começou a estudar a Bíblia com Carolina; no entanto, ela se encontrava sobrecarregada e tinha dúvidas a respeito de Deus.



Envolver-se em um estudo bíblico normal era algo muito difícil para ela. Durante várias semanas, o instrutor e eu passávamos pelo menos duas horas reunidos com Carolina. A primeira hora ouvindo seus problemas, esperando que ela desabafasse, para que, então, pudéssemos estudar a Bíblia, falar sobre Deus e deixar algo para preencher seu vazio.

Carolina fumava, bebia, era viciada em jogos de azar e gostava de ir a bailes. Para ela, isso era uma vida normal, até começar a estudar as Escrituras. Foi maravilhoso ver como o Espírito Santo realizou nela a transformação. Cada semana, após estudarmos a Bíblia e orarmos por ela, suas lutas internas aumentavam; contudo, sua fé era fortalecida pelo poder divino. Seu vocabulário, repleto de palavras grosseiras, começou a mudar. Ela deixou de jogar, porque entendeu que devia confiar na direção de Deus em sua vida mais do que nos jogos e na sorte. Parou de fumar e beber. Tudo como resultado de seu profundo relacionamento com Jesus, por meio da oração e do estudo da Palavra de Deus.

O fim das conferências evangelísticas e dos estudos se aproximava, e vários interessados estavam preparados para o batismo, inclusive Carolina. Contudo, havia um problema: o grupo que se formaria ainda não tinha lugar para se reunir. Foi então que Carolina propôs o seguinte: "Podemos usar o salão que tenho nos fundos de casa. Vamos reformá-lo e realizaremos as reuniões e os cultos ali." Foi a resposta às nossas orações!



Pouco tempo depois, alguns missionários da Argentina foram nos auxiliar. Eles nos ajudaram a reformar e pintar o salão. Instalamos no local uma lareira, para amenizar a temperatura no inverno. Assim o ambiente ficou pronto para que começássemos as reuniões da igreja naquele lugar. No fim do ano, sete pessoas entregaram a vida a Cristo e foram batizadas. Depois disso, outros interessados tomaram a mesma decisão.

Dessa experiência, o que mais me impressionou foi a transformação da vida de Carolina, algo sobrenatural, somente possível por meio do Espírito Santo! Tudo nela se tornou diferente, sua fisionomia, seu vestuário e seus hábitos. Eu tinha certeza de que, com Jesus, apesar dos problemas, a vida seria melhor para ela e sua família. Aprendi que os esforços humanos têm seu valor quando nos dispomos a compartilhar a Palavra de Deus, mas que o mais importante, o milagre do novo nascimento, só pode ser realizado pelo Espírito do Senhor. **M**

Néstor Oleynick é pastor no Uruguai

o sábado e a família pastoral



A rotina do pastor no sábado é, frequentemente, muito intensa e repleta de atividades. A família vai se adaptando a essa rotina, mas, às vezes, a esposa e os filhos se sentem privados da presença do esposo e pai. Se o sábado é um presente de Deus, como podemos desfrutar dele conciliando as atividades ministeriais com o cuidado e a atenção à família?

Quando Deus separou o sábado no fim da semana da Criação, Seu objetivo era permitir que Seus filhos pudessem desfrutar da mais profunda comunhão com Ele. “Certamente guardareis os Meus sábados; pois é sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor, que vos santifica” (Êx 31:12, 13). É importante lembrar alguns pontos referentes à observância do sábado, para que esse dia continue sendo uma bênção para a igreja e a família pastoral.

O sábado é para todos. A Bíblia não indica princípios orientadores específicos para pastores e outros para os não pastores. É um dia de muitas atividades para todos e, acima de tudo, um dia de adoração ao Criador.

Natureza das atividades. A diferença está na natureza das atividades. “Os sacerdotes no templo realizavam maior trabalho no sábado que em outros dias. O mesmo trabalho, feito em negócios seculares, seria pecado, mas a obra dos sacerdotes era realizada no serviço de Deus” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 285). Quando possível, é importante que

a família pastoral esteja envolvida nessas atividades para que o pastor, a esposa e os filhos estejam unidos, próximos, criando laços entre si e com a igreja.

Cuidado com a nova geração. Os filhos são a próxima geração de líderes da igreja e devem, desde cedo, desenvolver a correta observância do sábado a partir do nosso convívio com eles. “Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interno, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar de sua família vem em primeiro lugar” (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 353). Por isso, é importante começar o sábado em família. Na sexta-feira, todos devem estar envolvidos nos preparativos e, ao pôr do sol, o pastor deve se esforçar para estar junto da sua família, desfrutando momentos especiais.

Reserve sábados para a família. Em seu planejamento anual, separe com sua esposa e seus filhos alguns sábados para ser compartilhados em família, a fim de desfrutar juntos das bênçãos desse dia.

Reuniões não precisam ser realizadas somente no sábado. Algumas vezes, por praticidade e para deixar o tempo livre para as atividades gerais dos outros dias da semana, pastores e líderes sobrecarregam a agenda do sábado. Isso impede de dar às nossas famílias o privilégio de desfrutar as bênçãos sabáticas. Sejamos equilibrados em cuidar bem da igreja, sem descuidar da família.

A família pastoral indica caminhos para as outras. A família pastoral não é, e nunca

será, perfeita. No entanto, sua influência é inegável em apontar caminhos para a prática das demais famílias na fé. “Deve haver na família do pastor uma unidade que pregue um sermão eficaz sobre a piedade prática” (Ibid., p. 359).

O sábado e nosso testemunho. Vizinhos, amigos, comunidade e igreja estão sempre observando nossa maneira de agir, inclusive nossa forma de guardar o sábado. “Há os que estão observando este povo para ver qual é a influência da verdade sobre eles [...]. Examinam a vida e o caráter de seus defensores, para verificar se estão em harmonia com sua profissão de fé, e, com base nas opiniões assim formadas, muitos são grandemente influenciados na aceitação ou rejeição da verdade” (Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 260).

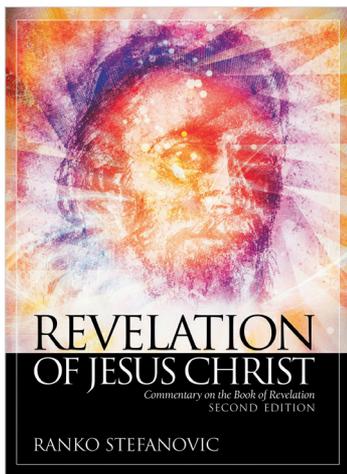
A importância e a glória do sábado. Trata-se de um dia de adoração, louvor, gratidão, deleite, comunhão, relacionamento, missão, ajuda ao próximo, convívio familiar e felicidade. O sábado é um antegozo do Céu!

Que o Senhor ilumine com Seu Espírito cada família pastoral, para que possamos desfrutar das horas sabáticas conforme a vontade do Criador! **M**



Divulgação DSA

Alacy Barbosa é diretor do ministério de Lar e Família para a Igreja Adventista na América do Sul



Revelation of Jesus Christ: Commentary on the book of Revelation

Ranko Stefanovic, Andrews University Press, 2ª ed., 2014, 668 p.

Ranko Stefanovic, professor de Novo Testamento do Seminário Adventista do Sétimo Dia da Universidade Andrews, apresenta em *Revelation of Jesus Christ* um comentário versículo por versículo de um dos livros mais desafiadores da Bíblia, o Apocalipse.

A obra extrai o que há de melhor e atual entre os eruditos na área da escatologia e segue o legado deixado por estudiosos como Kenneth A. Strand, Hans LaRondelle e Jon Paulien. Acadêmicos, estudantes, pastores e membros da igreja poderão se beneficiar desse comentário para aplicar a mensagem apocalíptica às situações da vida cotidiana e fortalecer a apresentação do evangelho a este mundo sofredor.

Uma boa notícia para aqueles que leem em português é que *Revelation of Jesus Christ* será lançado neste ano em português, pela CPB.



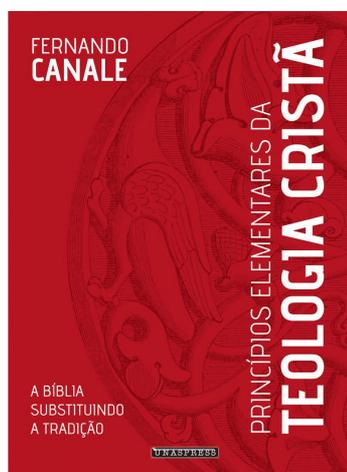
Apocalipsis: Revelaciones para hoy

C. M. Maxwell, Asociación Casa Editora Sudamericana, 2017, 544 p.

Essa é uma reedição e atualização da obra clássica do célebre doutor C. Mervyn Maxwell, *Apocalipsis: Sus revelaciones*, publicado pela Aces. O Apocalipse é comentado de maneira agradável, profunda e fundamentada, o que permite compreender com maior clareza os acontecimentos mundiais ao longo da história.

Embora esse livro seja destinado ao público em geral, não faltam abordagens e comentários eruditos e teológicos. O autor pesquisou exaustivamente cada aspecto referente às profecias, o que se evidencia pelo número significativo de notas bibliográficas que insere em sua obra.

Essa edição leva em conta as problemáticas atuais em relação à interpretação das profecias apocalípticas, fornecendo respostas para as questões cruciais que surgem quando se estuda o Apocalipse. É a ferramenta ideal para pastores, professores, estudantes e aqueles que desejam ter material sólido e profundo para a preparação de sermões, aulas e seminários sobre as fascinantes profecias do último livro da Bíblia.



Princípios Elementares da Teologia Cristã

Fernando Canale, Unaspres, 2018, 236 p.

Se todas as religiões falam sobre o mesmo Deus, por que temos tantas religiões descrevendo a Deus e nossa relação com Ele de formas contraditórias? Diferentes denominações cristãs repousam sobre diferentes projetos teológicos. Diferentes projetos teológicos resultam da aplicação de diferentes metodologias teológicas. Diferentes metodologias teológicas derivam do contorno no qual teólogos cristãos decidiram sobre as fontes da teologia por meio das quais Deus Se revela a eles. Finalmente, os projetos teológicos diferem por causa dos princípios de interpretação teológica que os teólogos escolhem como guias em sua interpretação das Escrituras e na construção das doutrinas cristãs.

O projeto teológico delineado brevemente em *Princípios Elementares da Teologia Cristã* é construir o substituindo-se a tradicional multiplicidade de fontes da teologia pelo princípio da *sola-tota-prima Scriptura*. Por causa dessa decisão metodológica, seremos compelidos a nos afastar radicalmente dos projetos teológicos católico romano, protestante e conservador. As razões e conteúdos desse afastamento se tornarão autoevidentes à medida que desenvolvemos os elementos básicos da teologia cristã.

Mensagem para este tempo

É provável que nenhuma outra denominação cristã tenha escrito e ensinado tanto sobre o livro do Apocalipse quanto a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Isso não é de surpreender, para um movimento que surgiu como resultado de uma visão apocalíptica e que fez do estudo das profecias uma questão rotineira.

Segundo Alberto R. Timm, o santuário celestial, encontrado nos livros de Daniel e Apocalipse, tornou-se o centro da teologia adventista, enquanto a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14 proveu o calendário divino para a proclamação do juízo iminente. Esses dois elementos, extraídos principalmente do livro de Apocalipse, fundamentaram a teologia e a missão do movimento que se tornou a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O legado que o estudo do Apocalipse nos deixou é indiscutível. No entanto, o desafio está no que devemos fazer com ele como pastores do século 21. A seguir estão algumas das tensões entre as quais temos que navegar ao pregar e ensinar a mensagem do último livro das Escrituras.

Iminência versus tardança. Depois de esperar pela vinda iminente de Jesus por mais de 150 anos, aumentaram as dúvidas sobre as razões para essa aparente “demora”. Alguns enfatizam o papel da igreja para apressar o segundo advento, enquanto outros negam que se possa fazer isso. De fato, Jesus indicou a existência de uma demora, e Ellen White não somente mencionou um atraso causado pelo estado da igreja, mas também afirmou que “dando o evangelho ao mundo, está em nosso poder apressar a volta de nosso Senhor. Não nos cabe apenas aguardar, mas apressar o dia de Deus” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 633, 634).

Aplicação exegética universal versus historicismo. O foco do estudo das profecias do Apocalipse pelos pioneiros adventistas estava fundamentado em uma abordagem historicista. Embora não tivessem todas as ferramentas modernas para a exegese, eles

conseguiram chegar a uma interpretação não apenas historicamente correta, mas também exegeticamente sólida. Com a ênfase contemporânea na teologia bíblica e na exegese, os eruditos bíblicos têm-se inclinado a uma interpretação intratextual, negligenciando de algum modo a aplicação histórica dessas profecias. O desafio é continuar aprofundando nossa interpretação exegética do texto, sem descuidar da aplicação histórica.

Alarmismo versus indiferença profética. O alarmismo que se propagou no passado, que usava as notícias diárias para interpretar o Apocalipse resultando em sensacionalismo, deixou como consequência às novas gerações certa indiferença em relação à mensagem profética. Devemos tornar as profecias relevantes às novas gerações, sem cair no alarmismo que promove euforia por alguns momentos e, finalmente, resulta em frustração e desânimo.

Perfeccionismo versus graça barata. Chegamos aos nossos dias com uma herança teológica que tem colocado a mochila pesada do perfeccionismo cristão sobre os ombros das últimas gerações. Isso tem gerado fanatismo religioso e rejeição total às profecias. Por outro lado, a graça barata difundida, que rejeita não apenas a lei de Deus, mas também a santificação bíblica, faz com que muitos parem de lutar contra o pecado para se adequar *laodiceamente* a ele.

Deus nos confiou um tesouro profético no livro do Apocalipse. Sua mensagem é para nossos dias. Precisamos estudar e nos aprofundar nesse livro, à luz das Escrituras, para encontrar a mensagem relevante que devemos pregar nestes últimos tempos. **■**



Deus nos confiou um tesouro profético no livro do Apocalipse. Sua mensagem é para nossos dias.”



Gentileza do autor

Marcos Blanco, doutorando em Teologia, é editor da revista *Ministério*, edição em espanhol

O TEMPO DO FIM

AMPLIE SEU CONHECIMENTO SOBRE O ASSUNTO E
COMPARTILHE COM SUA IGREJA



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

